

**NÃO SÓ PELO PRAZER DE ESCREVER,
MAS PELO DEVER DE LUTAR**

Diácono José Carlos Pascoal

Paróquia São Benedito, Salto, SP – Diocese de Jundiaí, SP

SUMÁRIO

I. O MINISTÉRIO DIACONAL PERMANENTE 4

- 1) A Qualificação do Ministério Diaconal 4
- 2) Ser Diácono é Ser Servidor 5
- 3) Missão e Caridade 6
- 4) Diaconia, Missão e Santificação 8
- 5) Comunhão Diaconal e Campanha da Fraternidade 13
- 6) Por que o Diácono não deve relutar em Ser Homem da Caridade 14
- 7) Dia Internacional da Mulher... do Diácono 16
- 8) Acidental ou Essencial? 17
- 9) Missão Diaconal e Aparecida 19
- 10) A Respeito do Motu Proprio "Omnium in Mentem" 20
- 11) Re-unir para Comum-união 23
- 12) Comunhão Diaconal, Comunhão Eclesial 24
- 13) O Diácono e a Devoção Mariana 25
- 14) Ainda a Questão da Formação Diaconal 26
- 15) Ação Social ou Caritativa – Filantropia x Caridade 28
- 16) O Diácono e a Carta aos Efésios 30

II. TEMPOS E REFLEXÃO 34

- 1) Como Maria, a Igreja está grávida 34
- 2) Agosto, Mês Vocacional por Excelência 35
- 3) Acolher é Evangelizar 36
- 4) Coisas de Mãe 38
- 5) Conversando com Jesus e atualizando temas 39
- 6) Mês Vocacional - Vocação de Serviço 41
- 7) Frases de Sabedoria do Desespero 43
- 8) Eis que vem o Nosso Rei! 44
- 9) Ano Novo, Vida Nova? Sim, com Cristo! 45
- 10) A Igreja espera uma forte ação dos Batizados nesta Quaresma 46
- 11) Tempo Propício 47
- 12) Um Papa Surpreendente 49
- 13) Sempre é Tempo de Missão 50
- 14) Tempo de Meditar, Tempo de Agir: Quaresma 51

III. QUESTÕES SÓCIO-POLÍTICAS 53

- 1) Fazendo o jogo deles no Marketing 53
- 2) As Diferenças e os Diferentes 54
- 3) Clero e Agentes de Pastoral longe do Povo 56
- 4) Espiritualidade, Missionariedade e Caridade 58
- 5) Igreja e Sociedade: a Igreja Promovendo o Diálogo 59
- 6) Que o Senhor faça germinar a Justiça (Cf.is 45,8d) 60
- 7) Sabe com Quem está falando? 62
- 8) Estrangeiro ou Patriota? 63
- 9) Algo está errado neste país 64
- 10) Um Desafio: Salvar o Planeta 66
- 11) Conselhos Paritários e Participação Social 67
- 12) Retrospectiva, Perspectiva e Expectativa 69
- 13) Família e Educação 71
- 14) Não põe a Mãe/Igreja no meio!!! 72
- 15) A Experiência de Ser Voz e Dar a Vez 73
- 16) Vem para o meio! 74
- 17) A Fé e a Educação 76
- 18) A violência contra a pessoa idosa 77
- 19) O Estado e a Paróquia que queremos 78
- 20) Toda mulher tem o direito de viver em paz 80
- 21) A quem interessa acusar? 81

I. O MINISTÉRIO DIACONAL PERMANENTE

1) A QUALIFICAÇÃO DO MINISTÉRIO DIACONAL

Dois aspectos muito significativos e altamente positivos têm chamado a atenção com relação ao Diaconado Permanente: reflexão sobre a vida familiar do Diácono Permanente e sobre o Ministério da Caridade. Pode parecer estranho destacar como algo extraordinário o que deveria ser comum na vida e no ministério do diácono. Mas, quanto mais se procura aprofundar esses temas, mais se destaca a qualificação para o exercício ministerial. Em outras palavras: a volta às origens, a “redescoberta” do primeiro amor.

Quem participou ou recebeu informações das Assembleias Gerais da CND de 2011 e 2015, além das Assembleias não Eletivas, e ainda, do II Congresso Latinoamericano do Diaconado Permanente, realizado de 24 a 29 de maio de 2011, em Itaicí, Indaiatuba, SP, deve ter acumulado valiosos ensinamentos sobre a vida familiar e sobre o pleno exercício da Dimensão da Caridade. Os temas “A Identidade do Ser Diaconal”, da Assembleia Geral Eletiva de 2011 e “Diáconos, Apóstolos das Novas Fronteiras da Missão”, do II Congresso Latinoamericano e do Caribe, trouxeram indagações e reflexões importantes a serem respondidas pelos diáconos e esposas, e para a formação dos novos diáconos permanentes. Muitos questionamentos passam a ser respondidos através do testemunho pessoal, familiar e comunitário.

Há diáconos que ainda não conseguem incorporar as três dimensões: Palavra, Caridade e Liturgia. Apegam-se demais a uma das dimensões, trazendo prejuízos à sua própria identidade diaconal. Vangloria da sua pregação ou do seu conhecimento litúrgico, sem perceber que, faltando a prática da Caridade, o exercício do ministério diaconal não é completo.

Há diáconos que ainda não conseguiram equilibrar a vida familiar com as funções na Igreja. Não conseguem dialogar com o Pároco que lhe impõe muitas atividades eclesiais em detrimento dos importantes momentos familiares. Por sentir-se importante e elogiado, acaba assumindo funções que poderiam ser exercidas por leigos. Os dois encontros citados acima nos levaram a questionar isso.

Vários Bispos e Comissões Diocesanas estão tomando iniciativas de reflexões sobre o Diaconado Permanente, priorizando a formação permanente com destaque para a vida familiar do Diácono e sobre o exercício do Ministério da Caridade. Isso vai enaltecer ainda mais o trabalho e a importância do Diácono Permanente na Diocese, nas Paróquias, nas Comunidades.

Também isso reflete sobre a formação dos candidatos ao diaconado. Em muitas escolas diaconais prioriza-se a teologia e a liturgia, sem o devido destaque à Doutrina Social da Igreja e à Pastoral Social. Esse quadro precisa ser mudado urgentemente. Um estágio em atividades pastorais, em especial as sociais, nas comunidades, aliado aos estudos teológicos, bíblicos e litúrgicos, enriqueceria ainda mais a formação dos futuros diáconos. Estamos vendo com muita alegria a preocupação dos Bispos, da CND, das CRDs, das CADs e CDDs com a formação permanente. Deus seja louvado. Não basta ser ordenado: é preciso SER DIÁCONO.

2) SER DIÁCONO É SER SERVIDOR

“Para o serviço aos pobres, não é preciso ser diácono, mas para ser diácono, é preciso servir os pobres”. Acordei com esta frase “martelando” minha cabeça, o que me levou a refletir mais uma vez sobre meu ministério diaconal.

Sinto-me recompensado pelo que tenho feito nas pastorais e movimentos sociais, dentro e fora da Igreja? Foi o primeiro questionamento que me ocorreu. Felizmente, cheguei à conclusão de que o ministério da Caridade não é OBRIGAÇÃO para mim, diácono, mas VOCAÇÃO E MISSÃO. Então, não buscar recompensa ou “status” é mostra de liberdade, de opção evangélica, de exercer a DIAKONIA.

No 3º Congresso Nacional dos Diáconos, realizado em 2003, no Centro de Espiritualidade Inaciana de Itaicí, Indaiatuba (SP), dom Angélico Sândalo Bernardino, então bispo de Blumenau dizia em sua palestra: “Precisamos de diáconos santos, esvaziados de poder mundano, apaixonados por Cristo Servidor, conscientes de que DIÁCONO QUE NÃO É SERVIDOR, NÃO SERVE PARA SER DIÁCONO”. “Infelizmente, no Brasil, o Diaconado Permanente tem marcado presença desequilibrada neste tríplice campo: o da Caridade, a estatística (feita em 1999), o revela, precisa crescer! Insisto, precisamos aqui, sem dúvida alguma, de mudança de rumo. A escolha do tema e lema deste Congresso e Assembleia evidencia esta

preocupação”. O Diaconado Permanente no Brasil, iluminado por LAVA-PÉS, precisa se converter: à concreta evangélica opção pelos pobres; à fantasia da caridade de que nos fala o papa João Paulo II.

“Numa palavra, a Igreja tem urgente necessidade de mostrar ao mundo sofrido, violento, a presença de Jesus na pessoa do Diácono Permanente, misturado aos pobres, famintos, sedentos, drogados, sem terra, sem moradia, prostituídos. Para que isso aconteça, o diácono precisa ser revestido pelo “amor que se dá e não se impõe, que se abaixa para servir e não se coloca na posição de quem manda”, completou o bispo.

Dom Diógenes Silva Matthes, bispo emérito de Franca (SP), se apresentava quando referencial da CRD Sul 1, dizendo: “sou o diácono dos diáconos”. Dom Vicente Costa, bispo de Jundiaí e também referencial da CRD Sul 1 dizia que “o diácono tem que ser Apóstolo da Caridade”. Dom Irineu Danellon, Bispo de Lins (SP, disse: “Sempre exorto os presbíteros para que eles não se esqueçam que SÃO diáconos, que é preciso SERVIR os pobres e excluídos. Preciso, como bispo, ainda mais do diácono permanente, para ser extensão do ministério da Caridade do bispo e dos presbíteros”.

O diaconado permanente está em constante crescimento no Brasil. Dioceses antes refratárias ao diaconado estão percebendo seu valor na Igreja. Estamos felizes com o crescimento numérico. A preocupação que se apresenta é: quanto ao Ministério da Caridade, há crescimento? Nem sempre a escolha para o diaconado de um ótimo Ministro extraordinário da Palavra e da Comunhão se revela ótima para a dimensão do diaconado. Está preocupado somente com a Liturgia, com a Catequese e não tem carisma para a Caridade. Um estágio em Pastorais e Movimentos Sociais antes de completar a Escola Diaconal daria ao formador um campo melhor de escrutínio para a ordenação. É necessária ótima formação bíblico/teológico/litúrgica, mas não pode faltar ênfase maior na Doutrina Social da Igreja. Precisamos de Diáconos que não apenas cumpram ordens, mas que tenham a alegria de servir. Que não façam apenas o que MANDAM fazer ou QUEREM fazer, mas o que é NECESSÁRIO fazer.

3) MISSÃO E CARIDADE

Estamos vivendo, felizmente, um momento diferenciado da Igreja do Brasil, a partir de atitudes da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Finalmente

há uma preocupação em entender e aplicar a Missão Continental, fruto do Documento de Aparecida. A missionariedade está na ponta de lança de todas as ações da Igreja.

Não dá para conceber um agente de pastoral que não se proponha e disponha a ser discípulo missionário de Jesus. A conversão pastoral, de que nos fala o Documento de Aparecida, nos impulsiona a agir como discípulo missionário de Jesus na Pastoral, na Catequese, no Movimento, na Comunidade. O encontro pessoal com Jesus Cristo gera conversão, e conversão gera um encontro com o próximo sofredor.

Dom Vicente Costa, no Retiro Diocesano de Diáconos Permanentes e esposas, realizado no último final de semana de agosto de 2010 em Jundiá, falava dos “rostos sofredores e da necessidade de termos diáconos entusiasmados por Jesus e pela missão, em especial na missão da opção preferencial pelos rostos sofredores”.

O III Congresso Vocacional do Brasil, realizado de 3 a 7 de setembro de 2010, em Itaicí, Indaiatuba, provocou os bispos, presbíteros, diáconos, religiosos, religiosas, consagradas, leigos, leigas a assumirem a vocação e a missão. “A ação vocacional é missão, buscando criar uma cultura vocacional que nos leve a entender que todos os batizados são vocacionados, que todos os vocacionados são discípulos missionários, e o mandato de Jesus ‘Ide e evangelizai a todos’ deve ser seguido com alegria apesar das dificuldades. “Há rostos sofredores que doem em nós” (Documento de Aparecida, 8.6).

O “Grito dos Excluídos” não é apenas ação política de um povo sofrido, mas de uma ação missionária e misericordiosa, que busca “despertar” as autoridades a olharem para os que sofrem na miséria, os excluídos, os marginalizados, os discriminados por causa da cor da pele, da religião, olhar para a condição da mulher, da criança, do idoso. Rostos sofridos do migrante, do morador de rua, do dependente de droga, do presidiário.

O “Grito dos Excluídos”, sempre tem como tema “A Vida em primeiro lugar”. Lembrando Martin Luther King: “... o que incomoda é o silêncio, a omissão dos bons”.

O Santo Padre nos recorda que a Igreja está convocada a ser “advogada da justiça e defensora dos pobres” diante das “intoleráveis desigualdades sociais e econômicas”, que “clamam ao céu”. Temos muito que oferecer, visto que “não há dúvida de que a Doutrina Social da Igreja é capaz de despertar esperança em meio às

situações mais difíceis, porque, se não há esperança para os pobres, não haverá para ninguém, nem sequer para os chamados ricos” (Documento de Aparecida, 395).

Um exemplo triste: no final de agosto de 2010, chamado a acudir uma jovem desmaiada na Igreja logo após o almoço, após assistir e rezar com ela com a ajuda de duas irmãs da comunidade, pedi assistência pública através de telefonema à Central de Ambulâncias de Salto. A atendente me informou que somente poderia enviar socorro se a jovem dissesse que “queria” ser atendida. Ora, argumentei, ela está tendo um desmaio após o outro: como conseguir o consentimento? Não é melhor atender? Resultado: sem socorro da instituição pública. Apelei ao Resgate dos Bombeiros e, após explicar tudo de novo, consegui a promessa de atendimento. Resultado? Sem atendimento. Solução: comunicar à empresa onde a jovem trabalhava. Os funcionários a levaram ao hospital. Fizemos o que foi possível, mas ela precisava de atendimento médico. Eis a situação que vivemos na saúde, na educação, no transporte, na infraestrutura etc.

4) DIACONIA, MISSÃO E SANTIFICAÇÃO.

O jeito, a pedagogia de Jesus de Nazaré deve ser seguida no ministério diaconal: nos dá o exemplo, ensina, faz primeiro, dá testemunho não só de palavras, mas com atitudes.

O Diácono é chamado a ser “animador de comunidades”. Então, precisa seguir o “jeito” de Jesus: não somente coordenar, liderar, mas formar líderes. O verdadeiro líder forma uma comunidade onde todos tem o direito de opinar, onde todos aprendem do líder para aprender a liderar.

Para formar e administrar um Diaconia, o diácono também precisa imitar o “jeito” de Maria. Quando os apóstolos estavam com medo, não só por causa da morte de Jesus, mas também para cumprir o mandato de Jesus de formar comunidades, ir por todo o mundo, Maria se fez presente, liderou o início da primeira comunidade cristã, transmitiu confiança, afastou o medo, testemunhou com a própria vida. Maria era mulher de Oração.

Dom Antonio Miranda, bispo emérito de Taubaté: “Tenho para mim que os carismas não são senão as qualidades íntimas das pessoas que o Espírito Santo assume

e sobrenaturalmente vivifica. Adverte-nos o apóstolo São Pedro (1Pd 4,10-11): Como bons dispenseiros das diversas graças de Deus, cada um de vós ponha à disposição dos outros o dom que recebeu: assim a Palavra para anunciar as mensagens de Deus; assim um ministério, para exercê-lo com uma força divina, afim de que em todas as coisas seja glorificado por Jesus Cristo”.

Afinal, o que é Diaconia, como exercer? No Documento 96 (Diretrizes para o Diaconado Permanente da Igreja no Brasil), nº 44, nós encontramos: “Os diáconos exercem seu ministério partilhando inúmeros serviços com os cristãos e agentes de Pastoral. Todavia, por força da ordenação, eles contam com a graça sacramental, pela qual, junto com os bispos e presbíteros, são postos à parte para uma missão específica e irrevogável”.

Bento XVI, no Motu Próprio *Omnia in Mentem*, Art. 2, acrescenta ao cân. 1009 do Código de Direito Canônico o §3, com a seguinte formulação: “Aqueles que são constituídos na ordem do episcopado ou do presbiterado recebem a missão e a faculdade de agir na pessoa de Cristo Cabeça; os diáconos, ao contrário, sejam habilitados para servir o povo de Deus na diaconia da Liturgia, da Palavra e da Caridade”. Imagem do Cristo Servo. Então, temos a Tríplice Missão (ou três diaconias): a Diaconia da Caridade; a Diaconia da Palavra e a Diaconia da Liturgia.

Há uma atualização na descrição da Tríplice Missão: *Lumen Gentium*, 29: Liturgia, Palavra e Caridade; Documento de Aparecida, 205: Palavra, Caridade e Liturgia; Documento 96: Caridade, Palavra e Liturgia. Esta última exorta o diácono para que não seja priorizada uma missão, mas, o ministério diaconal tem como destaque o Ministério da Caridade.

O diácono permanente Aury Azélio Brunetti, depois ordenado presbítero, no seu livro “Diaconato Permanente: visão histórica e situação atual” (Ed. Paulinas, 1986) já destaca um pré-anúncio de Diaconia, referindo-se aos cânones 517 °2, e 518 do Código de Direito Canônico: “Poderão os Diáconos participar do cuidado pastoral de uma paróquia, sob a direção de um sacerdote ou do próprio pároco, do qual o diácono é um natural cooperador”.

Documento 96,92: “São muitos os campos em que a nossa Igreja deve fazer-se mais presente: pastorais sociais, educação, meios de comunicação social, movimentos populares...”. Os bispos encontram nos diáconos preciosos colaboradores na ação

evangelizadora, tanto no plano territorial como no ambiental, de forma que, sem ocupar o lugar, nem competir com presbíteros ou leigos, o Evangelho chegue àqueles lugares onde o diácono vive e trabalha. Com efeito, dentro de sua profissão o diácono tem um campo privilegiado de ação evangelizadora, podendo ser provisionado para ali atuar. Portanto, o bispo, tendo presentes as necessidades e os recursos pastorais da sua diocese, procurará atender aos mais variados “esforços pastorais”, colocando diáconos à frente deles, conforme os carismas pessoais.

Modelos conhecidos de Diaconias:

- Territorial Urbana: compreende novos aerópagos nas periferias das cidades, que são verdadeiras terras de missão: novos bairros ou loteamentos; invasões de sem tetos; favelas; bairros abandonados pelo Poder Público.
- Territorial Rural: fazendas; loteamentos; invasões de sem terras.
- Diaconias Ambientais – meios profissionais:
- Da Saúde: hospitais, sanatórios;
- Do Judiciário: Fóruns, Promotorias, Escritórios de Advocacia;
- Carcerária: Presídios, Cadeias, Fundação Casa, Centros de Detenção Provisória;
- Da Comunicação Social: Redações de jornais, Revistas, Televisão, Rádio;
- De Terceira Idade: Asilos, Abrigos de idosos; Casas de Acolhimento.
- Da Esperança: Exéquias, Velórios, Visitas às Famílias pós-sepultamento;
- Da Caridade: Abrangente – Moradores de Rua; Acompanhamento das Pastorais Sociais; Assessoria da Cáritas;
- Do Mundo do Trabalho: Pastoral Operária, Sindicatos, Comércio;
- Dos Ribeirinhos e Comunidades: Quilombolas, Pescadores; Indígenas;
- Do Meio Ambiente: Pastoral da Ecologia, ONGs em Defesa da Casa Comum.

As Diaconias estão em crescimento na Região Nordeste, e na Região Sul está em processo de aperfeiçoamento. Exemplo: Arquidiocese de Porto Alegre. Na Diocese de Jundiá, que já teve várias diaconias da Saúde, da Comunicação e Forense, hoje tem apenas um núcleo de Saúde e outro da esperança (Velórios). Em algumas Arquidioceses e Dioceses houve a experiência de Diácono Coordenador de Forania / Região Pastoral. Ainda subsiste a experiência.

Uma experiência que vem ganhando corpo nas Arquidioceses e Dioceses: Diácono Permanente Administrador de Paróquias. A Diaconia Territorial tem sido uma experiência interessante para a criação de Quase-Paróquias e Paróquias. Sem contar que o Ministério Diaconal tem sido importante para os cargos de Administrador Curial, Ecônomo, Chanceler, Procurador da Cúria.

Onde se insere a Diaconia Ambiental: Documento de Aparecida, 52: Na cidade convivem diferentes categorias sociais, tais como as elites econômicas, sociais e políticas, a classe média com seus diferentes níveis, e a grande multidão dos pobres. Nela coexistem binômios que a desafiam cotidianamente: tradição e modernidade; globalidade e particularidade; inclusão e exclusão; personalização e despersonalização; linguagem secular e linguagem religiosa; homogeneidade e pluralidade, cultura urbana e pluriculturalismo.

Lugares propícios para a atuação religiosa e social do diácono e esposa que não compreende uma Diaconia específica, mas uma ação eclesial: Doc.Ap. 518-j - Maior presença nos centros de decisão da cidade, tanto nas estruturas administrativas como nas organizações comunitárias, profissionais e de todo tipo de associação para velar pelo bem comum e promover os valores do Reino. Exemplos: Conselhos Municipais Paritários, Sociedade Amigos de Bairro.

Uma situação urbana e rural que subentende uma Diaconia: Doc. Ap. 518c – Uma setorização das paróquias em unidades menores que permitam a proximidade da Igreja e um serviço mais eficaz; 518f – Uma atenção especializada aos leigos em suas diferentes categorias: profissionais, empresariais e trabalhadores.

Investir em Diaconia seria uma maneira mais transparente para a Igreja se aproximar do povo. Falhamos em acolhida, falhamos às vezes em atendimento pastoral e pessoal, por excesso de trabalho do pároco ou pela burocracia da Secretaria Paroquial. Numa Diaconia, a Igreja se faria presente de maneira intensa, sem que a unidade clerical seja prejudicada, pois a Diaconia sempre estaria sob a obediência à paróquia.

Investir em Diaconia seria também uma urgente resposta ao desejo do papa Francisco de que a Igreja seja missionária, evangelizadora, catequética, Igreja “em saída”. É o que propõe a CNBB nas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil – 2015 – 2019 (Documento da CNBB 102), 13: Ser verdadeiro

discípulo missionário exige o vínculo efetivo e afetivo com a comunidade dos que descobriram fascínio pelo mesmo Senhor. Ele sabe que exerce sua missão na Igreja, “em saída”. Naquele “ide” de Jesus, estão presentes os cenários e os desafios sempre novos da missão evangelizadora da Igreja, e hoje todos somos chamados a esta nova “saída” missionária.

O papa Francisco afirma: “Prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças. Por isso ela sabe ir à frente, tomar a iniciativa sem medo, ir ao encontro, procurar os afastados e chegar às encruzilhadas dos caminhos para convidar os excluídos. Vive um desejo inesgotável de oferecer misericórdia”. A saída exige “prudência e audácia”, “coragem” e “ousadia”.

Por isso, um dos itens que deveria ser privilegiado na escolha do aspirante ao Diaconado é a sua ação pastoral na Igreja, em especial numa Pastoral Social. Existe hoje dificuldade de se criar uma Diaconia quando não se tem um verdadeiro vocacionado, que compreenda a Tríplice Missão. Ter um diácono apenas para celebrar a Palavra e ministrar os sacramentos do Batismo e do Matrimônio, celebrar as Exéquias, como exigem alguns párocos, vão descaracterizando o diácono de sua verdadeira missão eclesial.

Aplaudo o objetivo de arquidioceses e dioceses de investir na formação intelectual do diácono, pois vivemos tempos de crescente progresso em todos os campos, mas a preocupação única de formar academicamente e intelectualmente faz crescer o número de diáconos elitizados. Com isso, prejudica-se a integralidade da missão.

Diretrizes para o Diaconado Permanente da Igreja no Brasil (Documento da CNBB 96),51: O diácono é a expressão do ministério ordenado colocado o mais próximo possível da realidade laical e do protagonismo dos leigos. A Igreja Latinoamericana “espera dos diáconos um testemunho evangélico e impulso missionário para que sejam apóstolos em suas famílias, em seus trabalhos, em suas comunidades e nas novas fronteiras de missão” (Doc. Ap,208)

Peçamos a intercessão de Maria Santíssima: “Maria, Mestra da Caridade, que com tua plena disponibilidade ao apelo de Deus, cooperaste no nascimento dos fiéis na Igreja, torna fecundos o ministério e a vida dos diáconos, ensinando-lhes a se doar no

serviço do Povo de Deus. Maria, mestra da humildade, que no teu profundo reconhecimento de ser a Serva do Senhor, foste repleta do Espírito Santo, torna os diáconos dóceis instrumentos da redenção de Cristo, ensinando-lhes a grandeza que consiste em se fazer pequenos. Maria, Mestra do serviço escondido, que com a tua vida normal e ordinária plena de amor, soubeste colaborar de maneira exemplar no plano salvífico de Deus, torna os Diáconos servos bons e fiéis, ensinando-lhes a alegria de servir, na Igreja, com ardente amor. Amém” (Oração de Dom Angélico Bernardino Sândalo, bispo emérito de Blumenau, SC).

* Bibliografia: O Ministério da Caridade – CND; Gaudete et Exsultate – Papa Francisco; Documento de Aparecida.

5) COMUNHÃO DIACONAL E CAMPANHA DA FRATERNIDADE

“A diaconia é uma comunidade em que se aprende a viver a unidade, a comunhão e a partilha. Aprende-se a viver a gratuidade. ‘O elemento da comunhão (koinonia), (...) consiste precisamente no fato de os crentes terem tudo em comum, pelo que, no seu meio, já não subsiste a diferença entre ricos e pobres’ (cf. Bento XVI, Deus caritas est, nº 20) (cf. também At 4 32-37). Esse vínculo dos membros da comunidade é tão forte que entre eles ‘não deve haver ninguém que sofra por falta do necessário (Cf. Deus caritas est, nº 25)’. (A Identidade do Ser Diaconal, primeira parte).

O documento de estudos da IX Assembleia Geral da CND (07 a 10 de abril de 2011, em Itaicí, Indaiatuba), quando trata, na terceira parte, de “Construir a Comunhão a partir do Serviço aos Pobres”, logo no número 1, trata da colaboração do diácono permanente (e sua família) na recuperação da relação do homem com a natureza. Mas qual a parte que nos cabe nessa recuperação? Primeiro: como ser humano, como cristão, devo zelar pela obra da criação que Deus deixou aos nossos cuidados. Depois, como Diácono, testemunhar (não apenas falar) para que outros também se interesse pela vida no planeta, conforme refletiu a Campanha da Fraternidade de 2011, cujo tema foi “Fraternidade e Vida no Planeta”.

“É necessário que o homem busque a verdadeira interação entre ele e a natureza. Na busca sincera haverá de levá-lo a retomar os critérios de Deus, criando uma visão ecoteológica. Distinto dela, mas presente nela com sua força criadora, Deus

precisa ser redescoberto na natureza. Precisamos voltar a olhá-la com profunda admiração e respeito, percebendo que a terra, a rocha, a água, o céu e cada um de seus elementos, alcançáveis ou não pela nossa visão, são manifestações do amor de Deus”. (A identidade do ser diaconal, pg. 27).

Nós diáconos, por estarmos mais próximos das comunidades, inseridos nelas pelas nossas raízes, pelo trabalho e atuação ministerial, podemos e devemos estar atentos e disponíveis para colaborar com a defesa da natureza, dos rios, dos ambientes. “Já em 2007, (na VIII Assembleia Geral em Luziânia, GO), nós diáconos refletíamos: ‘A consciência de que devemos cuidar do planeta vai crescendo na humanidade. O espírito solidário entre todos os povos unidos para a defesa do planeta tem de ser cada mais vivenciado. Os grupos que se preocupam com o reflorestamento, com a defesa das espécies animais em extinção, com a limpeza dos rios e mares, com a poluição do ar etc, multiplicam-se. Neles está presente um grande espírito de serviço. Criar diaconais-comunidades-ecológicas pode ser uma forma que somos parte da nova criação (Comissão Nacional dos Diáconos. Diaconias: uma resposta aos novos desafios da missão da Igreja, 2007, p. 54-55).

Há muitos diáconos oriundos ou ainda atuantes na zona rural e regiões ribeirinhas ou marítimas. Devem ser ouvidos, numa troca de experiências, para que todos os demais, que vivem o processo de degradação do meio ambiente na zona urbana, possamos criar para a geração futura, condições de vida digna.

6) POR QUE O DIÁCONO NÃO DEVE RELUTAR EM SER HOMEM DA CARIDADE

O diácono permanente pode e deve agir na Igreja de muitas maneiras. Seu ministério oferece um leque de espaços de ministrar a Palavra, de celebrar a Liturgia e, principalmente, de exercer a caridade. Não ter a “sede” do poder, mas a “sede” de servir.

Santo Inácio de Antioquia escreve: “É dever dos diáconos, ministros dos mistérios de Jesus Cristo, procurar de toda maneira agradar a todos. Pois não são diáconos para a comida e bebida, mas ministros da Igreja de Deus” (Carta aos tralianos). É o testemunho no ministério que provoca o respeito da comunidade para com o diácono e do diácono para com a comunidade.

O santo continua exortando a comunidade: “Igualmente respeitem todos os diáconos como a Jesus Cristo, do mesmo modo que têm reverência pelo bispo, figura do Pai, e pelos presbíteros, senado de Deus e conselheiros dos apóstolos. Sem eles (diáconos) não existe a Igreja.” (Carta aos tralianos) O Espírito Santo promove esse entendimento. Respeitar para ser respeitado.

Às vezes somos tentados a nos adornarmos com luxo e a celebrar em templos cada vez mais luxuosos, com esmero nos detalhes litúrgicos, com objetos cada vez mais chamativos. A simplicidade com seriedade de que nos fala o papa Francisco é deixada de lado quando nos deparamos com os exageros litúrgicos que querem imitar o ritual do Vaticano e não atentam para as realidades regionais ou locais.

São João Crisóstomo (Das Homilias sobre Mateus) nos adverte: “Que proveito haveria, se a mesa de Cristo está coberta de taças de ouro e ele próprio morre de fome? Sacia primeiro o faminto e, depois, do que sobrar, adorna sua mesa. Fazes um cálice de ouro e não dás um copo de água? Que necessidade há de cobrir a mesa com véus tecidos de ouro, se não lhe concederes nem mesmo a cobertura necessária? Que lucro haverá”?

Devemos ter cuidado em não privilegiar um serviço diaconal em detrimento de outro. Tão importante quanto a Palavra é a ação de caridade e misericórdia que ela provoca. Buscar receber os elogios da pregação ou da ação litúrgica pode prejudicar a ação decorrente da Palavra e da Liturgia: o testemunho através das obras de Caridade. A Palavra nos impulsiona à Caridade, e a Caridade nos leva a louvar e agradecer a Deus através da Liturgia.

São Vicente de Paulo nos ensina (Dos seus Escritos): “Deve-se preferir o serviço dos pobres a tudo o mais e prestá-lo sem demora. Se na hora da oração for necessário dar remédios ou auxílio a algum pobre, ide tranquilos, oferecendo a Deus esta ação como se estivésseis em oração. Não vos perturbeis com angústia ou medo de estar pecando por causa do abandono da oração em favor do serviço dos pobres. Deus não é desprezado, se por causa de Deus dele nos afastarmos, quer dizer, interrompermos a obra de Deus (a oração) para realiza-la de outro modo (a caridade)”.

E completa o grande santo da Caridade: “Portanto, ao abandonardes a oração, a fim de socorrer a algum pobre, isto mesmo vos lembrará que o serviço é prestado a Deus. Pois a caridade é maior do que quaisquer regras, que, além do mais, devem

todas tender a ela. E como a caridade é uma grande dama, faz-se necessário cumprir o que ordena. Por conseguinte, prestemos com renovado ardor nosso serviço aos pobres; de modo particular aos abandonados, indo mesmo à sua procura, pois nos foram dados como senhores e protetores” (idem).

O Amor é Caridade, a Caridade é o Amor!

7) DIA INTERNACIONAL DA MULHER... DO DIÁCONO

No dia 08 de março comemoramos o Dia Internacional da Mulher. Eis a história: no dia 8 de março de 1857, operárias de uma fábrica de tecidos, situada na cidade norte americana de Nova Iorque, fizeram uma grande greve. Ocuparam a fábrica e começaram a reivindicar melhores condições de trabalho, tais como, redução na carga diária de trabalho para dez horas (as fábricas exigiam 16 horas de trabalho diário), equiparação de salários com os homens (as mulheres chegavam a receber até um terço do salário de um homem, para executar o mesmo tipo de trabalho) e tratamento digno dentro do ambiente de trabalho.

A manifestação foi reprimida com total violência. As mulheres foram trancadas dentro da fábrica, que foi incendiada. Aproximadamente 130 tecelãs morreram carbonizadas, num ato totalmente desumano.

O que esse episódio e data têm a ver com a mulher do Diácono? Nada. Mas tem tudo a ver no sentido de dedicação, luta, reivindicação, proteção, direitos e deveres. Por isso, quero prestar homenagem à mulher do Diácono nesta data, ousando chamar de DIA INTERNACIONAL DA MULHER DO DIÁCONO.

Muitas vezes passam despercebidas pela própria comunidade que só tem olhos para a pessoa do Diácono. É nesse momento que o próprio Diácono precisa ter o discernimento de estar com a esposa, isto é, apresentar para a comunidade. Evita ciúmes, chateações e discórdia.

A esposa do Diácono luta no dia a dia para oferecer condições ao Diácono de poder exercer seu ministério com mais qualidade, não só no cuidado da casa e dos filhos, mas daquilo é necessário ao Diácono, como material litúrgico, vestimentas, objetos.

Há esposas que reivindicam melhores condições de trabalho e tratamento por parte dos presbíteros, quando não há reconhecimento ou ao menos uma ajuda de custo

para exercer seu trabalho pastoral. Essa é uma das propostas feitas durante a Assembleia das esposas do Regional Sul 1 na reunião do Conselho Consultivo de dezembro de 2008 em Aparecida. Não só reivindicar condições de trabalho para o esposo Diácono, mas para cobrar do próprio Diácono seus deveres para com a CDD, CRD e CND, no sentido de participar de reuniões e encontros de formação e de contribuir financeiramente para a manutenção dos organismos dos diáconos.

Mas, o que mais chama a atenção é a INTERCESSÃO. Não é necessário estar sempre presente no exercício ministerial do Diácono: é preciso orar para que o Diácono cumpra sua missão na Igreja com amor, dedicação, qualidade. A figura de Maria, Mãe de Jesus e nossa Mãe é inspiração para que a esposa do diácono também seja como a Mãe: servidora. Prestando serviços pastorais à Igreja, em especial em favor dos pobres, e orando para que o Diácono nunca deixe de lado esse carisma especial: SERVIR.

Queremos prestar nossa homenagem à você, esposa do Diácono. Sua dedicação, seu silêncio, sua aceitação do ministério do esposo, seu apoio nos momentos difíceis, nos cansaços e dores. Sua intercessão, figurando nos "bastidores" da Igreja, isto é, não aparecendo ou querendo aparecer, mas, discretamente, agindo em favor do Reino de Deus. Com a intercessão das santas mulheres da Bíblia, em especial da Mãe Maria, pedimos a Deus que sempre a abençoe e essa benção seja extensiva ao seu lar.

8) ACIDENTAL OU ESSENCIAL

Às vezes ficamos com o acidental em detrimento do essencial. Nos preocupamos com detalhes que podem ser superados com discernimento e, com isso, deixariam de ser preocupações.

Uma das preocupações que frequentemente levo em consideração é em relação ao reconhecimento da pessoa e do ministério do Diácono Permanente. Participando nos últimos anos de muitas reuniões e encontros nos quais a CND - Comissão Nacional dos Diáconos, a CRD Sul 1 - Comissão Regional dos Diáconos, e a CDD – Comissão Diocesana dos Diáconos da Diocese de Jundiá têm marcado presença, percebo que o Diaconado é "sutilmente" esquecido nos comunicados, nas citações de palestrantes e no material de propaganda de alguns encontros.

Muitas vezes fui ousado em interromper pregador, palestrante, presidente ou coordenador de pastoral ou organismo para "lembrar" que o diaconado está representado no evento. Um dos mais frequentes exemplos: nos comunicados - "... os bispos, presbíteros, religiosos e leigos"; em várias orações vocacionais - "... rezemos pelas vocações sacerdotais, religiosas, missionárias, leigas (o Diaconado não é vocação?); em orações da Comunidade nas Celebrações - "Que os Bispos, padres, religiosos, ministros e leigos sejam realmente pastores..." (Diácono não é ou não pode ser Pastor ou ao menos animador de Comunidade?).

Em reuniões regionais, diocesanas, paroquiais e comunitárias, mesmo com a presença dos diáconos, é omitida a citação dos mesmos. Inclusive em acolhida de Celebrações Solenes, com grande número de Diáconos presentes é omitida a referência à presença.

Outro exemplo: numa Celebração solene diocesana há grande número de diáconos permanentes presentes. Mas as funções são exercidas pelos diáconos transitórios. Já ouvi de padre responsável pela Liturgia numa Diocese: "é preciso valorizar o diácono transitório para que ele seja melhor padre". Respondi: "Mas neste momento ele é diácono transitório: porque não participa de reuniões do diaconado permanente, não faz visitas às favelas, aos presídios?" Para me melindrar disse: "O diácono transitório está mais preparado liturgicamente falando porque acaba de concluir o curso". Cheguei à conclusão que o "acidental" estava me preocupando muito e disse: "meus irmãos diáconos e eu precisamos provar que conhecemos Liturgia". Conclui: "À mulher de César não basta ser, é preciso parecer".

Rezando muito sobre isso, chego à seguinte conclusão: isso é meramente acidental. Dói não ser reconhecido? Dói, mas é mais importante ao Diácono "fazer" que "aparecer". Embora ainda procure "corrigir" quando é omitida a nossa presença em eventos, tenho tomado o cuidado de "mostrar" o diaconado através do serviço prestado.

Nossa presença em eventos não é marcada pela atuação ministerial nas celebrações, mas no serviço prestado, na representatividade, na efetiva participação nas reflexões, nos debates. O "essencial" supera o "acidental" quando somos reconhecidos pelos serviços prestados não somente nos eventos e reuniões, mas, principalmente nas comunidades, no trabalho social da Igreja, no auxílio aos pobres.

Quanto mais discutirmos o "acidental" (ainda há bispos, presbíteros e leigos que não se "acostumaram" com o diaconado), menos viveremos o "essencial", que é o exercício pleno do ministério: Palavra, Caridade e Liturgia. Como testemunha uma amiga consagrada: "nós também somos esquecidas". Será que ainda não se acostumaram também com a Vida Consagrada?

Maria Santíssima, Santo Estevão e São Lourenço, rogai por nós!

9) MISSÃO DIACONAL E APARECIDA

Há uma força interior muito grande emanada da Casa da Mãe Aparecida, O Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida em Aparecida, SP, para motivar a todos os brasileiros e estrangeiros que a visitam. Semanalmente, milhares de peregrinos das mais diversas regiões do país e de outros países vizinhos se dirigem à Aparecida para venerar a Mãe Negra de todos nós.

Colhemos os frutos da presença do Santo Padre Bento XVI entre nós, bem como vivemos intensamente o Documento de Aparecida, texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. A Igreja nos exorta a ser "discípulos missionários de Jesus Cristo". Em seguida, a presença do carismático Papa Francisco, por ocasião da Jornada Mundial da Juventude.

Em outubro, mês missionário, fechando o "trimestre de ação, decisão e vocação de todo batizado", sempre somos questionados em nosso ministério. Estamos realizando a vontade de Jesus, indo ao encontro do pobre (opção preferencial)? Estamos exercendo o ministério diaconal por excelência que é a Caridade?

A Igreja é sábia. Inspirada pelo Espírito Santo ela nos propõe o Mês Vocacional (agosto) para a descoberta da vocação, para refletir sobre a vocação escolhida, para questionar a própria vocação.

Em seguida, nos oferece o Mês da Bíblia (setembro) para ouvir, deixar cair na mente e no coração e viver conforme os ensinamentos de Deus. Não basta a vocação, a vontade de servir: é necessário formação, capacitação, desejo de anunciar aquilo que experimentamos e testemunhamos.

Finalmente, o Mês Missionário, para por em prática a Vocação descoberta, os carismas e dons, para viver plenamente a Palavra como profeta, anunciando e denunciando, tendo como objetivo o anúncio querigmático. O Diácono Permanente é

animador de comunidade por excelência, por estar mais próximo e no meio do povo. A sua vocação é servir, ir ao encontro do pobre, levar a Igreja aos lugares onde ela não é conhecida.

Eis o que nos exorta o Documento de Aparecida: “Alguns discípulos e missionários do senhor são chamados a servir à Igreja como diáconos permanentes, fortalecidos, em sua maioria, pela dupla sacramentalidade do matrimônio e da Ordem. São ordenados para o serviço da Palavra, da Caridade e da Liturgia, especialmente para os sacramentos do Batismo e do Matrimônio; também para acompanhar a formação de novas comunidades eclesiais, especialmente nas fronteiras geográficas e culturais, onde ordinariamente não chega a ação evangelizadora da Igreja” (Doc. AP, 205).

Para que não paire dúvidas sobre a missionariedade do Diácono Permanente, o Documento de Aparecida traz no número 208: “A V Conferência espera dos diáconos um testemunho evangélico e impulso missionário para que sejam apóstolos em suas famílias, em seus trabalhos, em suas comunidades e nas novas fronteiras da missão”.

É entristecedor ver Diácono preocupado apenas e tão somente com as Celebrações Litúrgicas, considerando que aí não se completa o tríplice múnus: Palavra, Liturgia e Caridade. É preciso entender que a Palavra nos impulsiona à Missão; a Missão nos leva ao encontro dos necessitados, resultando na Caridade; a Caridade se completa na Liturgia celebrada nas casas, pequenas comunidades, favelas, presídios, templos. Viver o que se celebra, Celebrar o que se vive.

Que os diáconos sintam a necessidade de comunhão e missão, agradecendo à Mãe por aquilo que estamos conseguindo produzir; pedir à Mãe para que interceda ao Filho Jesus, para que não nos deixemos tomar pelo comodismo e inércia e nos coloquemos de coração aberto ao serviço em favor dos irmãos.

Nossa Senhora Aparecida, rogai por nós.

10) A RESPEITO DO MOTU PROPRIO "OMNIUM IN MENTEM"

Foi muito comentada a divulgação, pelo Santo Padre Bento XVI, do Motu Próprio "Omnium In Mentem" (à atenção de todos, em tradução livre), concluída em 26 de outubro de 2009 e publicada em 15 de dezembro de 2009.

Uma das perguntas feitas pelo diaconado foi: se o Código atual é de janeiro de 1983, com força obrigatória a partir do primeiro dia do Advento do mesmo ano, porque somente agora os canonistas percebem a possibilidade de interpretação errada dos cânones 1008 e 1009? Será excesso de zelo?

Na Escola Diaconal, melhor ainda, no momento do convite para a Escola Diaconal, o candidato já recebe a informação de quais são as atribuições do diácono permanente. Nem aqueles que porventura tenham sede de poder vão entender que agem como "Cristo Cabeça", mas como "Cristo Servidor".

O que muda para o Diaconado? Nada. Constata-se oficialmente ou canonicamente o preceito, a função, a atribuição ministerial que vem dos apóstolos: "Por isso os doze convocaram uma reunião dos discípulos e disseram: não é razoável que abandonemos a Palavra de Deus para administrar. Portanto, irmãos, escolhei dentre vós sete homens cheios do Espírito Santo e de sabedoria, aos quais encarregaremos este ofício. Nós atenderemos sem cessar à oração e ao ministério da Palavra" (At 6. 2-4).

Uma das razões da alteração do cân. 1008 talvez se refira a um comentário do mesmo, à pág. 445 do CDC. Diz o texto: "Por divina instituição, graças ao sacramento da Ordem, alguns entre os fiéis, pelo caráter indelével com que são assinalados, são constituídos ministros sagrados, isto é, são consagrados e delegados a fim de que, personificando a Cristo Cabeça, cada qual no seu respectivo grau, apascentem o povo de Deus, desempenhando o múnus de ensinar, santificar e governar."

O comentário de página, relativo ao cânone citado diz: "Por primeira vez se afirma claramente, num documento eclesiástico, que o sacramento da Ordem, em todos os seus graus, imprime caráter. Até agora, essa afirmação era comum em relação ao presbiterado e ao episcopado, mas nunca se tinha aplicado ao diaconado".

Foi uma interpretação de um canonista, mas que na prática não era aplicada, mas sim, a interpretação do tríplice múnus do diaconado: Múnus docendi - Palavra; Múnus santificandi - Liturgia; Múnus regendi - Caridade.

Nas Normas Fundamentais para a Formação dos Diáconos Permanentes, da Congregação para a Educação Católica do Vaticano, nº 7, lê-se: "Enquanto grau da ordem sagrada, o diaconado imprime caráter e comunica uma graça sacramental específica. O caráter diaconal é o sinal configurativo-distintivo impresso

indelevelmente na alma que configura que é ordenado a Cristo, o qual se fez diácono, isto é, servo de todos". O texto é confirmado na catecismo da Igreja Católica, nº 1570.

A nova redação do cân. 1008 é: "{...} graças ao sacramento da Ordem, alguns entre os fiéis, pelo caráter indelével com que são assinalados, são constituídos ministros sagrados, isto é, são consagrados e delegados, cada qual no seu respectivo grau, para servir, com um título novo e peculiar, o povo de Deus." O cân. fica de acordo com o Catecismo da Igreja Católica.

O cân. 1009 tinha a seguinte redação: "§ 1. As ordens são o episcopado, o presbiterado e o diaconado. § 2. Conferem-se pela imposição das mãos e pela oração consecratória, prescrita para cada grau pelos livros litúrgicos". Reformulado, o cân. 1009, também sobre o ministério sacerdotal, por sua vez, precisa agora que "aqueles que são admitidos na ordem do episcopado ou do presbiterado recebem a missão e a faculdade de agir na pessoa de Cristo Cabeça; os diáconos, ao invés, estão habilitados a servir o povo de Deus na diaconia da liturgia, da palavra e da caridade".

Muito mais do que se preocupar com as alterações nos cânones citados, que veio colocar as coisas nos seus devidos lugares, diga-se de passagem, é necessário investir na divulgação, na informação e na formação dos fiéis com relação ao Diaconado. Uma das sugestões que tenho apresentado aos presidentes de Comissões Diocesanas dos Diáconos é no sentido de que não se atenham ao exercício, mas que também procurem divulgar o Diaconado na sua essência. Informação e testemunho, para que os fiéis nas comunidades compreendam o lugar do Diácono na Igreja, no anúncio da Palavra, nas celebrações da Palavra, do Matrimônio e do Batismo, nos sacramentais, especialmente de Exéquias. Para que de uma vez por todas, deixem de confundir diácono com presbítero ou com ministro extraordinário.

Esse dever de informar não cabe somente aos diáconos, mas ao Clero em geral. Uma novena preparatória à Celebração de São Lourenço, por exemplo, com informações sobre o Diaconado ajudaria, e muito, a levar a informação e formação ao povo.

Santo Estevão e São Lourenço, rogai por nós.

11) RE-UNIR PARA COMUM-UNIÃO

Ao iniciar o texto com esse título, posso dar a impressão de que não somos unidos ou que não temos unidade. Re-união pode ser interpretada como "unir novamente", "estar juntos novamente", e não simplesmente "provocar um momento para estarmos juntos" (também isso).

O crescimento do Diaconado traz esse tipo de problema: estamos tendo cada vez mais dificuldade em "estarmos juntos", em partilhar nosso ministério e, principalmente, em re-estudarmos juntos (formação permanente). O ministério diaconal, assim que é re-descoberto na diocese, na paróquia, na comunidade, faz com que o diácono acabe tendo uma sobrecarga de trabalho eclesial. Às vezes falta ao Diácono uma postura de diálogo com o Pároco ou com o Bispo no sentido de estar disponível principalmente para a sua família e, por extensão, para estar em contato com os irmãos de ministério.

O esvaziamento das reuniões, encontros de formação e retiros de diáconos e esposas deve preocupar não somente as Diretorias da CND, CRD, CAD ou CDD, mas também os Bispos, Párcos e os próprios diáconos e esposas. A falta de formação e atualização acaba sendo um obstáculo ao próprio ministério diaconal.

Outra preocupação: o excessivo apego (seria isso?) às funções litúrgicas em detrimento de uma ação voltada para a Caridade, para a Dimensão Social da Igreja. Tenho certeza de que os Bispos ao ordenarem ou os Párcos ao pedirem as ordenações de Diáconos não querem ter "coroinhas clérigos", mas alguém com quem possam contar para os diversos serviços pastorais e para a animação e formação de comunidades.

Às vezes ouço diáconos que se dizem onerados no trabalho pastoral: mas, e o diálogo aberto e franco com o pároco, não é necessário, não deve ocorrer? Retomo trecho de um artigo anterior (O Servo, junho de 2009, página 2 - site da CND, Artigos), para falar da necessidade do diácono dispor de agenda que favoreça sua participação nas atividades próprias do diaconado, sem negligenciar sua vida familiar ou suas atividades pastorais nas comunidades e paróquias: "Considero que o primeiro passo da tão esperada COMUNHÃO é nos conhecermos, nos comunicarmos, sermos participativos, priorizar sempre que possível, os eventos diaconais, sejam eles a nível

nacional, regional ou diocesano. Os demais passos acabam sendo assimilados através da conscientização e do amor e disposição oferecidos no ministério".

Esperamos que com a participação afetiva e efetiva dos presidentes do diaconato arquidiocesano e diocesano na reunião do Conselho Consultivo e de todos os diáconos e esposas nas demais atividades propostas nos calendários (arqui) diocesanos, regional e nacional, possamos partilhar não somente as dificuldades, mas os frutos da Missão. O Diaconato está inserido na Missão Continental e nas demais propostas de trabalho da Igreja na América Latina e no Brasil. Mãos às obras. Fé e Conversão Pastoral.

12) COMUNHÃO DIACONAL, COMUNHÃO ECLESIAL

A aparente insistência da diretoria da CND e das diretorias das Comissões Regionais dos Diáconos, em busca da Comunhão Diaconal tem razão de ser por causa do próprio desafio que representa.

Não quero com isso dizer que não vivemos ou buscamos a Comunhão, mas parece-me que ela não se completa na medida em que estamos distantes, às vezes sem comunicação, sem participação efetiva nos encontros e reuniões que definem o nosso próprio ministério na Igreja.

Ao apresentar aos Arcebispos, Bispos e Administradores Diocesanos, presentes na 72ª Assembléia dos Bispos da CNBB Regional Sul 1, realizada em Itaici-Indaiatuba, no período de 2 a 4 de junho de 2008, a proposta de filiação de todos os Diáconos do Estado de São Paulo até o final do ano, e a conseqüente colaboração dos responsáveis das Igrejas particulares, procuramos deixar bem claro que isso não é “corporativismo” ou “enquadramento”, mas um senso muito forte de organização, de participação e de COMUNHÃO.

Uma das prováveis preocupações de alguns diáconos que resistem à filiação é quanto à necessidade de contribuir financeiramente para a manutenção da CAD, CDD, CRD e CND. Considero que o primeiro passo da tão esperada COMUNHÃO é nos conhecermos, nos comunicarmos, sermos participativos, priorizar sempre que possível, os eventos diaconais, sejam eles a nível nacional, regional ou diocesano. Os demais passos acabam sendo assimilados através da conscientização e do amor e disposição oferecidos no ministério.

Torna-se cada vez mais necessário o comprometimento do Diácono e esposa para com a formação permanente. As dificuldades enfrentadas pelas diretorias das Comissões (Arqui) diocesanas, Regionais e Nacional para contar com números bem representativos de diáconos e esposas nos encontros de formação, mostram que o desafio maior é convencer os resistentes de que a Igreja é rica em formação e informação e não podemos ficar à margem disso tudo. Que não sabemos tudo, que temos necessidade de atualizar nossos conhecimentos, não importa o grau de formação intelectual que tenhamos.

A COMUNHÃO DIACONAL, é importantíssima para entendermos e vivermos a COMUNHÃO ECLESIAL. Se não nos importamos uns com os outros, se não nos interessamos pelos assuntos inerentes ao nosso ministério, como poderemos viver a dimensão eclesial? É momento para reflexão.

Que Maria, nossa Mãe, São Lourenço, Santo Estevão, Santo Efrém e todos os santos diáconos intercedam por nós!

13) O DIÁCONO E A DEVOÇÃO MARIANA

O mês de maio tem suas particularidades: é chamado de "mês das flores", "mês das noivas", "mês do Matrimônio", "mês das Mães" e, essencialmente "mês de Maria", marcado, principalmente, pela primeira aparição da Mãe de Jesus aos pastorinhos de Fátima, Portugal.

A devoção mariana é fundamental para entendermos a missão diaconal no sentido de família, matrimônio, oração, servidão, simplicidade e discernimento. Aprender a ficar "nos bastidores" e não aparecendo no centro de tudo. A diaconia da Mãe de Jesus e nossa Mãe nos inspira a sermos simples e ousados, a prestar atenção nos detalhes e, principalmente, nas necessidades do próximo (cf. Jo 2, 10). A ir ao encontro das pessoas necessitadas, não como simples visitantes, mas, como servidores (cf. Lc 1, 39-45).

O Diretório do Ministério e da Vida do Diácono Permanente (Doc. 157 da Congregação para o Clero do Vaticano), mostra: "A participação no mistério de Cristo Servo orienta necessariamente o coração do diácono em direção à Igreja e daquela que é a sua Mãe santíssima". O amor à Cristo e à Igreja está profundamente ligado à Santíssima Virgem, a humilde serva do Senhor que, com o irrepetível e admirável

título de mãe, foi companheira generosa da diaconia do seu divino Filho (cf. Jo 19, 25-27). O amor à Mãe do Senhor, baseado na fé e expresso na oração cotidiana do rosário, na imitação das suas virtudes e na confiante entrega a ela, dará sentido a manifestações de verdadeira e filial devoção.

Todo Diácono deve ter uma profunda veneração e afeto a Maria; com efeito, "a Virgem Maria foi a criatura que mais do que ninguém viveu a verdade plena da vocação, por que ninguém como ela respondeu com um amor tão grande ao imenso amor de Deus. Este amor particular à Virgem, Serva do Senhor, nascido da Palavra e todo enraizado na Palavra, deve converter-se em imitação da sua vida. Será este um modo de introduzir na Igreja a dimensão mariana que muito se adapta à vocação do diácono" (57).

As Diretrizes para o Diaconado Permanente (Doc. 74 da CNBB), quando fala da espiritualidade do Diácono traz esta exortação importante: "dessa espiritualidade brota também o amor filial para com Maria, mãe de Jesus, a grande servidora que manteve plena fidelidade aos desígnios do Pai, modelo de disponibilidade e amor para todo servidor. Contemplando-a, os diáconos aprenderão o significado de uma total dedicação de amor à missão, ao louvor de Deus e à salvação dos irmãos, aprofundando sua identificação com a vontade de Cristo (Jo 2,5), que procura em tudo a vontade e a glória do Pai (Jo 4,34; 17,4)".

Portanto, temos um modelo de diaconia, motivado pelo Cristo Servidor, que é Maria, Mãe de Jesus e nossa Mãe. Que o Senhor nos ajude a manter viva a chama do amor e da servidão, despertadas em nossa vocação e, principalmente, em nossa ordenação.

14) AINDA A QUESTÃO DA FORMAÇÃO DIACONAL

Talvez o maior desafio do Diaconado nos tempos atuais seja o de convencer o diácono da necessidade de Formação Permanente. Muitos são os motivos alegados: falta de tempo (excesso de trabalho nas paróquias e comunidades); condição acadêmica (muitos têm formação acadêmica e essa condição lhes basta); idade (a situação de sexagenário ou mais tira o ânimo de estudar, ler, aprender as novidades).

Essa situação só será mudada a partir de novas exigências na formação, isto é, que as Escolas Diaconais despertem nos candidatos o desejo de aprender, de não se

acomodar com o currículo oferecido que, via de regra, não compreende tudo que é necessário para o exercício ministerial e pastoral.

O esforço da Diretoria da Comissão Nacional dos Diáconos - CND e da Equipe Nacional de Assessoria Pedagógica – ENAP, é no sentido de oferecer cada vez mais os meios necessários de formação. Daí, a necessidade de participarmos dos Encontros Nacionais, Regionais, Provinciais e Diocesanos de Formação. Muito mais do que "lugar de sentar e ouvir palestras", o Encontro Nacional de Formação Permanente de Diáconos e Esposas oferece amplo leque de subsídios, inclusive a troca de experiências, do "encontrar-se para formar família diaconal", de conhecer as realidades de cada região do país.

Como acontece em outros setores da Igreja, seja com o Clero, seja com os leigos, a reclamação é a de que falta formação. Mas, quando é oferecida a formação, alegam-se vários motivos para não participar, desde o TEMPO até a QUESTÃO FINANCEIRA. O calendário de atividades é divulgado com antecedência para que o Diácono possa se programar com relação à família, atividade profissional e atividade eclesial. Mas parece que a formação não recebe a devida carga de prioridade.

Felizmente tenho ouvido de diáconos e esposas a seguinte expressão: "que bom que temos estes momentos para nos encontrarmos, nos conhecermos e aprendermos juntos." Isso alegra o coração de quem se empenha em fornecer oportunidades não só de formação, mas de "estar em família".

Outro grande desafio é conscientizar o Diácono Permanente sobre a real importância da Dimensão da Caridade na vida do Diácono. Às vezes parecemos "coroinhas" do Pároco, preocupados somente com a Liturgia. Às vezes não recebemos o devido valor do nosso Ministério porque não queremos deixar "a frente", o "lugar visível da Igreja". Sabemos que as questões sociais são prementes, urgentes, mas ainda não descobrimos o "carisma" de servir os pobres nos lugares onde estão.

Felizmente, surgem novas propostas curriculares por parte da ENAP para as Escolas Diaconais. É necessária a melhor formação teológica e litúrgica possível, é necessário o pleno conhecimento da Palavra de Deus, é muito importante conhecer as novas metodologias de pregação e homilética mas, é muito mais necessário, no cumprimento da vocação diaconal, o serviço da CARIDADE. Por mais bem estruturada que seja a Comunidade Paroquial, sempre há na Paróquia uma necessidade

social ou pessoas necessitadas de atenção social. Se os governos municipal, estadual ou federal não cumprem com suas obrigações, cabe à Igreja, na sua missão evangélica, tentar suprir ou minorar os sofrimentos dos nossos irmãos e irmãs excluídos.

Que nas Escolas Diaconais sejam oferecidos os meios de se descobrir os carismas necessários para a missão integral do diácono. Que as famílias dos Diáconos sejam Casas e Lugares de Comunhão. Que o esforço da Diretoria da CND e da ENAP produzam frutos em abundância para o Diaconado Nacional. Que sejamos reconhecidos por ser responsáveis em nosso ministério e não criticados por falta de ação.

15) AÇÃO SOCIAL OU CARITATIVA – FILANTROPIA X CARIDADE

Num momento de partilha num Encontro de Formação de Diáconos, surgiu a seguinte questão: o Diácono “precisa” exercer seu ministério numa Pastoral Social? O argumento surgiu porque o presidente exortava todos a valorizarem mais a Dimensão da Caridade, não em detrimento da Dimensão da Palavra nem da Dimensão da Liturgia, mas como conseqÜência: dar testemunho da Palavra celebrada.

A exortação do palestrante tinha razão de ser: a maioria dos Diáconos preferia mais a ação celebrativa/sacramental. Havia diáconos que diziam não ter “carisma” para uma ação social efetiva. Questionava-se também que o atendimento do diácono numa entrevista de matrimônio, batizado, ou aconselhamento pessoal ou familiar, tinham um caráter social, portanto, segundo esses, exerciam uma Pastoral Social.

Ao pedir minha opinião, lembro de ter dito: tudo tem um aspecto social, seja pela sociabilidade do contato, da acolhida, seja pelo efeito positivo que tem para a pessoa acolhida. Mas é preciso discernir o que é uma “ação social” do que é uma “ação caritativa”. Os defensores dessa ideia diziam: se celebramos com amor e carinho um Batismo, um Matrimônio, estamos fazendo ação social diaconal. Isso vale para a Celebração da Palavra e o atendimento paroquial.

Continua a ser uma questão de ponto de vista. Para mim, é uma questão de carisma, de exercício, de perguntar ao Senhor, como Paulo: “Que queres que eu faça?” (At 9,6). Maria, nas Bodas de Cana, já antecipava a resposta: “Fazei tudo o que Ele vos disser” (Jo 2,5). Então, fazer a vontade do Senhor é estar atento às necessidades do nosso próximo. Quando o Papa Bento XVI diz aos Diáconos para “estarem atentos às

novas formas de pobreza”, é porque a Igreja, o Papa confia nos Diáconos para que cumpram o seu ministério.

Há Diáconos (perdoem a expressão) que não gostam de desgrudar o umbigo do Altar, do Ambão. Sentem-se valorizados assim. Valorizando somente a Dimensão Litúrgica, o diácono corre o risco de não se completar em seu ministério. É no testemunho da Palavra, celebrando dignamente a Liturgia, que o Diácono encontra força e motivação para exercer a Caridade. O exercício e testemunho da Palavra vivida na Liturgia abrem o coração e a mente para ver as necessidades dos pobres. O Documento de Aparecida (nº 207) é bem claro: “Eles (os diáconos) devem receber adequada formação humana, espiritual, doutrinal e pastoral com programas adequados que levem em consideração – no caso dos que são casados – a esposa e a família. Sua formação os habilitará a exercer seu ministério com fruto nos campos da evangelização, da vida das comunidades, da liturgia e da ação social, especialmente com os mais necessitados, dando assim testemunho de Cristo servidor ao lado dos enfermos, dos que sofrem, dos migrantes e refugiados, dos excluídos e das vítimas da violência e encarcerados.”

O exemplo da Escola Diaconal Santo Efrém, de Belém do Pará, de fazer com que os candidatos façam um estágio de dois anos na Cáritas Arquidiocesana, prestando serviços nas Pastorais Sociais, com certeza fará com que tenhamos diáconos cada vez mais comprometidos com a Dimensão do Ministério Diaconal como um todo. Como dizia um dos padres formadores no meu tempo de escola diaconal em Jundiá: “Ser ministro extraordinário da Comunhão não é referencial maior para ser Diácono; o que conta mesmo é a vocação suscitada pelo Espírito Santo, alimentada pela Igreja, somada ao exercício pastoral numa comunidade, em especial com os menos favorecidos”.

O que nos alegra é a confiança de muitos bispos que estão confiando os trabalhos sociais, especialmente das Cáritas, aos Diáconos. Que isso sirva de testemunho e incentivo aos candidatos ao Diaconado, e que os formadores das Escolas Diaconais sejam motivadores do exercício pastoral nas comunidades.

16) O DIÁCONO E A CARTA AOS EFÉSIOS

“Que leveis uma vida digna da vocação a qual fostes chamados”

Deus seja bendito pela bênção espiritual em Cristo e por nos ter escolhido para sermos santos. Por amor, Deus nos predestinou a sermos adotados como filhos e para fazer resplandecer a sua maravilhosa graça. Então, chamados à santidade, somos também multiplicadores da graça de Deus (cf. 1,3-4).

Jesus nos resgatou, nos redimiou, nos oferece o perdão dos pecados, é rico em misericórdia. Ao se manifestar a nós, nos mostra sua benevolência e sua confiança em nós. Se chamados a sermos filhos adotivos, somos chamados a imitar o Filho e fazer a sua graça se manifestar em nossos irmãos e irmãs, em especial nos pobres e excluídos aos quais, como diáconos, nós somos chamados a servir em Cristo Jesus (cf. 1,5-7).

Em Cristo somos selados com o Espírito Santo (cf. 1,13). Ouvimos a Palavra e admitimos que cremos nela. Ela, a Palavra, nos incomoda? Até que ponto? A Palavra nos tornam responsáveis pela redenção daqueles aos quais pregamos e, principalmente, testemunhamos, pois foram adquiridos por Deus para o Seu louvor e glória.

Paulo dava graças ao Senhor por acreditar na fé daqueles que foram chamados à comunidade por causa da Palavra proclamada e vivida (cf. 1,15-16). “Se estou com vocês é porque acredito em vossa fé e disposição para o ministério do serviço”, pretende dizer o Apóstolo. É importante para cada um de nós acreditarmos na fé daqueles que o Senhor chamou para nossas comunidades. Lembremo-nos sempre que o diácono é chamado a ser animador de comunidades.

Nossa oração deve imitar a oração do Apóstolo: “Rogo ao Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos dê um espírito de sabedoria que vos revele o conhecimento dele, que ilumine os olhos do vosso coração, para que compreendais a que esperança fostes chamados, quão rica e gloriosa é a herança que Ele reserva aos santos, qual a suprema grandeza de seu poder para conosco, que abraçamos a fé” (cf. 1,17-19).

A salvação vem pela graça de Cristo. Outrora vivíamos os desejos da carne, mas fomos chamados à uma nova vida pela misericórdia daquele que deu a vida por nós. Não somos salvos pelos nossos méritos, mas por graça de Jesus Cristo, que demonstrou assim a imensidão das riquezas de sua graça. A Salvação também não

provém das obras, para que ninguém se glorie. Somos criados para as boas ações em Jesus Cristo. Por que nos gloriamos pelas obras que praticamos? Não são elas dom de Deus e não méritos nossos? Mas, é necessário dom e vontade para praticar as boas obras e imitar o Cristo.

O diácono deve ser fator de unidade. É “amortecedor” de choques, seja da hierarquia, seja dos que estão sob sua liderança. Deve ser fator de equilíbrio entre as partes, por isso deve ser equilibrado, com discernimento. Deve ser alguém que se preocupa verdadeiramente com os irmãos. E essa preocupação deve seguir a seguinte ordem: esposa e filhos, família; corpo diaconal; clero; fieis da comunidade; pobres e enfermos; excluídos. Oração, Fé, Humildade: requisitos básicos para servir. Conhecer e aplicar a pedagogia de Jesus. A pedagogia de Jesus é baseada no Amor.

O diácono não vive em função de cargos ou títulos, mas do “SERVIR”. Não basta ser ordenado, mas “SER” diácono, isto é, servidor. Se nos deixarmos conduzir pelo Espírito, com certeza seremos bons diáconos. Cada diácono permanente deve cultivar esmeradamente sua inserção no corpo diaconal, em fiel comunhão com seu bispo e em estreita unidade com os presbíteros e os demais membros do povo de Deus.

Cultivar o diálogo e trabalhar em comunhão com os presbíteros nas paróquias. “Cada diácono permanente deve cultivar esmeradamente sua inserção no corpo diaconal, em fiel comunhão com seu bispo e em estreita unidade com os presbíteros e os demais membros do povo de Deus. Quando estão a serviço de uma paróquia, é necessário que os diáconos e os presbíteros procurem o diálogo e trabalhem em comunhão”. (Doc. Aparecida, 206)

A identidade do diácono encontra-se, antes de tudo, na ordem do SER. Ele recebe uma graça sacramental que determina o espírito com que exerce seu ministério. Ele recebe, através da ordenação sacramental, uma marca indelével. Em sua significação encontra-se a especificidade do diaconado. “A identidade do diácono encontra-se, antes de tudo, na ordem do ser. Ele recebe uma graça sacramental que determina o espírito com que exerce seu ministério. Por isso, não deve, em primeiro lugar, ser definido a partir das funções ou dos poderes que lhe são confiados. Ele recebe, através da ordenação sacramental, uma marca indelével. Em sua significação encontra-se a especificidade do diaconado” (Doc. 96, 34).

O que aspiramos, como Diácono Permanente:

- Casamento entre Fé e Vida: Aprendemos com Jesus a unir sintonia com o Pai e sintonia com os irmãos. A identidade do diácono está no que ele é, mais do que no que faz e diz.

- “A rua leva Jesus à montanha, e a montanha o leva à rua”. O Senhor subia aos montes para conversar com o Pai e, fortalecido pela graça, voltava às ruas para acolher, curar, libertar, anunciar.

- Sensibilidade: O diácono é chamado a ser sentinela da Igreja, sempre atento para ouvir e ajudar sua comunidade eclesial ouvir o clamor dos sofredores, entendendo que a Igreja existe para os outros, para proporcionar vida. Deve perceber onde a Igreja precisa ser mais presença. Ele é sinal de Deus

- O ministério diaconal exige espiritualidade. A espiritualidade nos leva à unidade. Paulo não considera Unidade sem Humildade e Caridade. Uma virtude não se separa da outra.

- A espiritualidade é vivida na família e na comunidade. A espiritualidade é vivida pessoalmente e na comunidade. É na comunidade que buscamos a unidade sem perder de vista a humildade e a caridade

- Não se alcança a unidade se não vivermos a caridade com humildade, tratando os outros, especialmente os excluídos, com paciência e amabilidade.

- O exemplo maior vem do Mestre, que lavou os pés dos discípulos, exortando-os a não se imporem uns aos outros. Vejam o recado de Jesus em Mt 20, 26.

- Prudência e sobriedade (5,15-20). É preciso vigiar sobre nossa conduta, evitando os vícios.

- A conduta de sábios, conforme o apóstolo, não é a de exibir sabedoria do conhecimento das coisas, mas a mostra da sabedoria divina.

- Se oramos, louvamos e celebramos com alegria, isso contagiará positivamente os irmãos e irmãs na comunidade e na sociedade.

- Ter na esposa não uma auxiliar no ministério diaconal, mas uma companheira que apoia, presente ou não; que compreende a missão; que participa da vida da Igreja e dos sacramentos (cf. 5, 21-33).

- Muitos nos pedem ajuda ou aconselhamento em relação aos filhos. Lembremos que não podemos consertar a casa do outro se a minha casa está em desordem (cf. 6,1-4).

- Não se sinta um mau diácono ou uma má esposa de diácono se acaso houve algum problema moral ou social com um de seus filhos. Importa é ter a consciência de ter feito o melhor, de não desamparar ou abandonar, de estar próximo.

- As pessoas nos procuram ou são encaminhadas pela Igreja porque consideram que temos experiência de vida familiar. Eis o grande desafio.

- Armadura do cristão (6,10-24). Revestir-se da armadura de Deus para enfrentar as dificuldades que o mundo, a sociedade, e às vezes a própria família e comunidade nos impõe.

- Orai em toda circunstância pelo Espírito Santo. Orai uns pelos outros. Isso nos mantém na unidade de Cristo.

- Iniciamos falando de unidade, terminamos falando de Unidade. É um bem muito precioso.

Deus nos ama e nos quer unidos para promovermos a união entre todos.

II. TEMPOS DE REFLEXÃO

1) COMO MARIA, A IGREJA ESTÁ GRÁVIDA.

Uma dos mais belos momentos dos Evangelhos é a visita de Maria à sua prima Isabel. O encontro das duas grávidas não tem o condão de provocar simplesmente emoção, mas reflexão profunda do amor de Deus por nós e graça do serviço, impulsionada pelo Espírito Santo. Santo Ambrósio descreve esse momento: “Logo ao ouvir a notícia Maria dirigiu-se às montanhas, não por falta de fé na profecia ou falta de confiança na mensagem, nem por duvidar do exemplo dado, mas guiada pela felicidade de ver cumprida a promessa, levada pela vontade de prestar um serviço, movida pelo impulso interior de sua alegria” (Lib. 2 – Século IV).

Maria não se preocupou em contar a novidade de sua gravidez divina, mas correu a prestar um serviço, pois uma mulher idosa e até então estéril, precisaria de ajuda. Não foi para simplesmente conferir se o que o anjo disse era verdade, mas para dar graças a Deus pela prima e pela graça de poder ser serva. Prossegue Santo Ambrósio: “Isabel foi a primeira a ouvir a voz, mas João foi o primeiro a pressentir a graça; aquela ouviu segundo a ordem da natureza, este exultou em virtude do mistério. Ela percebeu a chegada de Maria, ele, a do Senhor; a mulher ouviu a voz da mulher, o menino sentiu a presença do Filho; elas proclamam a graça de Deus, eles realizam-na interiormente, iniciando no seio de suas mães o mistério da misericórdia; e, por um duplo milagre, as mães profetizam sob a inspiração de seus filhos”.

Assim também entendo a Igreja: grávida, gestando a Palavra, está sempre pronta à servir, não apenas visitando os necessitados, os excluídos, os doentes, os idosos, os encarcerados, os sem-teto, mas sempre disposta a prestar serviço, a continuar a missão da Serva do Senhor, Maria. Enquanto a Igreja saúda os visitados, o Filho provoca a exultação pelo Espírito, chega primeiro para oferecer a graça que a Igreja tem a missão de transmitir.

“A graça do Espírito Santo ignora a lentidão. Manifestam-se imediatamente os benefícios da chegada de Maria e da presença do Senhor, pois quando Isabel ouviu a saudação de Maria, a criança exultou no seu ventre e Isabel ficou cheia do Espírito Santo (cf. Lc 1,41)” – Santo Ambrósio. Assim também deve ser a Igreja através de seus servos: agir sem lentidão, cheia do Espírito Santo, levando as pessoas a ficarem

exultantes no Senhor. Em missão ou ação pastoral, muitas vezes nos preocupamos em “visitar” pessoas famílias. Não deve ser assim. Assim como Maria, a Igreja, grávida, gestando a Palavra, gestando o Salvador, sai à serviço, é Igreja em saída, como nos exorta o papa Francisco.

Que esta gestação não se fixe apenas no Tempo do Advento, mas em todo O Tempo de Deus, isto é, em todos os momentos da vida. Um alento e uma responsabilidade a nós, os diáconos: sempre prontos à servir, ignorando a lentidão, mas vendo a necessidade do próximo. Por isso, somos imagens do Cristo Servidor. Santo Estevão e São Lourenço, rogai por nós.

2) AGOSTO, MÊS VOCACIONAL POR EXCELÊNCIA.

Agosto é celebrado pela Igreja como Mês Vocacional. São vários os fatores que contribuem para isso. Lógico, se levarmos em conta a caminhada do cristão na Igreja, todo dia, todo mês é vocacional. Todo batizado é chamado a uma vocação, e são várias. Um dos mitos, que é necessário desconstruir é o de que, ao falarmos em vocação, falamos necessariamente da vocação sacerdotal ou religiosa. Por falta de informações, acabam sendo assumidas como as únicas necessárias na Igreja por muitos cristãos. Basta ouvir a Oração da Comunidade ou a Oração pelas Vocações de muitas paróquias.

A vocação matrimonial precisa ser defendida. É preciso resgatar a família, pois todas as vocações têm origem na família. Os encontros de preparação para o Matrimônio são locais de aprofundamento para descobrir a vocação matrimonial. A experiência de algumas dioceses que promovem encontros de namorados mostra a preocupação com o Sacramento do Matrimônio. Há muitos casais jovens que estão optando em “ficar”, não em celebrar o Sacramento do Matrimônio.

A Vocação Diaconal precisa ser mais difundida pelo testemunho dos diáconos permanentes. É vocação específica de serviço, necessária para a Igreja dos tempos atuais, que é missionária em busca dos afastados da Igreja e dos excluídos da sociedade. Quando orientados para exercer prioritariamente o Ministério da Caridade, dão uma contribuição valiosa à Igreja.

A Vocação Religiosa é uma vocação missionária e de serviço. “Na América Latina e do Caribe, a vida consagrada é chamada a ser uma vida discipular, apaixonada

por Jesus - caminho ao Pai misericordioso, e por isso, de caráter profundamente místico e comunitário” (cf. Doc. Ap, 220).

Por fim, a vocação leiga. São muitas as contribuições dos leigos nas comunidades: na Pastoral Litúrgica, nas Pastorais Sociais, na Pastoral Catequética, nas Pastorais de Apoio, nos Movimentos e Associações. Precisam ser incentivados e formados. Há quem não goste de encontros de formação, inclusive clérigos, mas reconheçamos que sem formação permanente não há crescimento. A Igreja, através de seus membros, precisa estar cada vez mais atualizada.

Convém descrever algumas citações do Documento de Aparecida: “Os Bispos, discípulos missionários de Jesus Sumo Sacerdote”; “Os Presbíteros, discípulos missionários de Jesus Bom Pastor”; “os Diáconos permanentes, discípulos missionários de Jesus Servidor”; “Os fiéis leigos, discípulos missionários de Jesus, Luz do Mundo - homens da Igreja no coração do mundo, e homens do mundo no coração da Igreja”; “Os consagrados e as consagradas (religiosos), discípulos missionários de Jesus Testemunha do Pai”.

Portanto, façamos jus ao chamado de Jesus e, como Maria, digamos Sim a Deus. Deus conta conosco para a Missão.

3) ACOLHER É EVANGELIZAR

“Tudo o que fizerdes, por palavra ou por obra, fazei-o em nome do Senhor Jesus, dando por Ele graças a Deus Pai” (Col 3,17)

Todas as manhãs ela passava apresada, vinda da Rodoviária, em direção ao trabalho. Um dia me questionou: “Não vejo mais o senhor seu vizinho, que me cumprimenta com alegria. Fico sempre aguardando seu bom dia. O que aconteceu com ele?” Respondi, meio sem jeito: “Faleceu há mais de dez dias”. Ela se foi, lamentando a ausência daquele que, sem saber, criou uma expectativa de “bom dia” a ela. Às vezes desconhecemos o valor que temos para algumas pessoas, por mais simples que sejam as ações. Esse vizinho, com certeza, é recompensado por Deus nos céus. Sua atitude, muito mais que por educação, marcou alguém.

Passando por movimentada rua da cidade vi, na calçada do outro lado duas senhoras conversando. Percebi o semblante triste de uma delas e a tentativa de

confortar por parte da outra. Como não conseguiria atravessar a rua, balbuciei, olhando para elas, simplesmente “shalom”. Ouvi alguns dias depois, o testemunho daquela que estava triste, de que sentiu a graça de Deus através dessa simples palavra que somente elas, e Deus, lógico, ouviram. Já tinham ouvido de mim, que “shalom” é muito mais do que a tradução na língua portuguesa quer dizer: “paz”. É todo o derramamento da graça e da misericórdia de Deus sobre a pessoa.

Ao final de uma reunião de oração da Renovação Carismática, perguntei aos demais servos: “Vocês não estão sentindo a ausência da dona Ornélia e do João? Há várias reuniões que não os vejo”. Decidimos então procura-los. A triste surpresa veio dessas visitas. Ornélia disse que esteve doente e, como ninguém do grupo a procurou e recebeu a visita acolhedora e espiritualmente reconfortadora de membros de uma igreja pentecostal, decidiu acompanhar essa congregação.

João esteve sob o risco de amputação de membros por causa de diabetes e, assim como Ornélia, não recebeu a visita dos irmãos do grupo e, sim, de irmãos espíritas que o confortaram e auxiliaram. Imagine a vergonha que sentimos nesses dois casos. Ainda não aprendemos que acolhida não é somente receber pessoas na porta da Igreja, mas também ir ao encontro das pessoas, sentir a falta da pessoa, sentir saudade, preocupar-se com os ausentes.

Há sempre um motivo do afastamento de alguém do nosso convívio e nem sempre procuramos saber, porque tememos que sejamos nós a causa do afastamento. Não entendemos ainda (presbíteros, diáconos, líderes leigos) que “porta da Igreja aberta não chama mais ninguém, é preciso ir em busca dos afastados”. Ainda não entendemos que acolhida é parte importante da missionariedade de cada cristão.

Outra frase popular que “pegou”: quem não é visto não é lembrado. Ora, a frase deveria ser: “estou me lembrando de alguém que há tempos não vejo. Vou procurar saber dessa pessoa”. Conheço párocos que, apesar de celebrar várias missas no final de semana, conseguem perceber a ausência de paroquianos, pelo simples fato de que a pessoa costuma sentar no mesmo lugar ou em determinada área da Igreja. Procura saber o motivo da ausência, acha falta do paroquiano. Isso é muito louvável, cativante e acolhedor.

É tempo de missão, é tempo de acolher, é tempo de ir em busca dos afastados da Igreja.

4) COISAS DE MÃE

Coração de mãe percebe coisas que os demais não percebem. Dona Maria tinha um cuidado especial com os dois filhos caçulas, de uma prole de 3 mulheres e quatro homens. Um, esportista, não demorou muito para deixar a cidadezinha do interior para morar na capital. Outro (vamos chama-lo de Tonho) se tornou um dos melhores tecelões da fábrica de tecidos. Então este passou a ser olhado com maior atenção; Nardo, mais jovem, enviava notícias da capital. Ela sofria calada, sem murmurar, crendo em Deus. **Coisas de Mãe!**

Dona Maria faleceu e a vida dos dois irmãos mudou completamente. Nardo se entregou à bebida e, descuidando da saúde, veio a morrer de tuberculose. Tonho sofreu grave distúrbio mental, deixando o rendoso emprego e, após certa melhora, se tornou lavrador. Coube à minha mãe, Vicentina, quem se encarregou de cuidar desses e dos outros dois irmãos, também viciados no alcoolismo, como mãe zelosa, não fosse ela também mãe de 5 filhos. **Coisas de Mãe!**

Muitas vezes vi dona Vicentina calada demais pro seu jeito, à noite com o Terço nas mãos, num canto da sala, desatenta à conversa (só tínhamos rádio e a gostosa “prosa” noturna). Tudo porque os seus filhos saiam e ela ficava preocupada. Pacientemente aguardava a chegada dos filhos, conferindo se estavam bem, preparando alimentos, arrumando suas camas, segurando as lágrimas, disfarçando com um sorriso de alívio. **Coisas de Mãe!**

Os dois mais velhos, Zé e Ida, contraíram tuberculose e os cuidados foram redobrados. Nunca ouvi murmuração ou reclamação sobre a situação de pobreza, doença e muito trabalho para sustentar a casa ajudando o marido Lazinho nos serviços de tinturaria, além dos inúmeros afazeres domésticos. Sempre que a situação apertava, ela dizia do alto da sabedoria de mãe: “Deus proverá, não lamentemos, esperemos”. E sempre vinha uma ajudazinha em alimentos, remédios, ou simplesmente palavras de conforto e amizade. **Coisas de Mãe!**

Muitas vezes “pegava” meu violãozinho e cantarolava tentando imitar Francisco Petrônio: “Mãe, é uma só que a gente tem no mundo. Mãe é o amor mais puro, mais profundo. Ó, minha santa mãezinha que tantas vezes eu fiz chorar, aqui vim

para dizer-te que sempre, sempre hei de te amar”. E ela, feliz e agradecida, não deixava ninguém perceber que o “cantor” era desafinado. **Coisas de Mãe!**

No dia de sua maior agonia que a levou à morte não pude realizar meu sonho: cantar a canção imortalizada por Charles Aznavour com versão de Agnaldo Timóteo: “O véu da noite vai chegar e docemente vai nublar os olhos meigos de mamãe, que vendo a vida se apagar e tendo amor a transbordar, repete ainda uma oração, tremendo os lábios de emoção. Ao ver que estou a soluçar e uma lágrima a rolar, me pede cheia de ternura que lhe dedique uma canção. Ai, mamãe”. Mas, mãe, canto agora, porque nunca me esqueço de suas COISAS DE MÃE. Entenda aí do céu, junto da mãe das mães, Maria, que ao cantar esta música estou simplesmente dizendo: **COISAS DE FILHO!**

5) CONVERSANDO COM JESUS E ATUALIZANDO TEMAS

Querido Jesus, venho conversar com você sobre um tema que está “estourando” nas chamadas redes sociais do Brasil. Estava somente desconfiado, mas cheguei à conclusão de que está aumentando o número de cristãos, dentre eles: clérigos, pastores e do Laicato, que ainda não entenderam sua proposta de vida e santificação. Sabes que sou autodidata, mas que desde pequeno gosto muito de ler. Como sou grande fã de seu profeta Isaías, estou relendo um versículo do capítulo 42,3-4, em que ele escreve sobre você: “Não quebrará o caniço rachado, não extinguirá a mecha que ainda fume. Anunciará com toda a franqueza a verdadeira religião; não desanimará, nem desfalecerá, até que tenha estabelecido a verdadeira religião sobre a terra, e até que as ilhas desejem seus verdadeiros ensinamentos”. Comecei aí a entender que a verdadeira religião só se vive através dos seus ensinamentos. Afinal, Tu és o Caminho, a Verdade e a Vida.

Fui reler o que escreveu Lucas, nos Atos dos Apóstolos (2), inspirado pelo vosso Espírito: “Perseveravam eles na doutrina dos Apóstolos, nas reuniões em COMUM, na FRAÇÃO DO PÃO e nas ORAÇÕES... Todos os fiéis viviam unidos e tinham TUDO EM COMUM. Vendiam as suas propriedades e os seus bens e dividiam-nas por todos, SEGUNDO A NECESSIDADE DE CADA UM”. Ainda nos Atos 4: “A MULTIDÃO DOS FIÉIS ERA UM SÓ CORAÇÃO E UMA SÓ ALMA. Ninguém dizia que eram suas as coisas que possuía: mas tudo dentre eles era comum...

Não havia entre eles nenhum necessitado... Repartia-se então a cada um deles conforme A SUA NECESSIDADE”.

Foi você que inspirou Dom Helder Câmara a defender os pobres e excluídos, a motivar a Campanha da Fraternidade como ponto alto de reflexão evangélica na Igreja, e se chamam o querido e santo bispo de comunista, também O chamam assim. Foi você quem inspirou Dom Pedro Casaldáliga a defender os indígenas, quilombolas, pequenos proprietários de terras, todos eles vítimas da ganância dos poderosos, travestidos de progressistas e políticos. Se também chamam o querido bispo de comunista, também O chamam assim. Foi você quem inspirou Dom Luciano Mendes de Almeida a dialogar, assistir e promover socialmente os moradores de rua e migrantes, e se chamam o santo bispo de comunista, também O chamam assim. Foi você quem inspirou Dom Paulo Evaristo Arns a defender as vítimas da ditadura, a promover a justiça e enfrentar os poderosos, e se O chamam de comunista, também o chamam assim.

Foi também você que deu forças a Santo Dias, Irmã Dorothy, Padre Zozimo, Marielle Franco e tantos outros para lutar contra a injustiça social, a violência urbana e rural, a desigualdade social e a Ditadura Militar. Se também chamam esses mártires de comunistas, também O chamam assim. Afinal, foi você quem demonstrou compaixão pelo povo que sofre, conforme detalhou Mateus (9,35-38): Jesus percorria todas as cidades e aldeias... Vendo a multidão, ficou tomado de compaixão, porque estavam enfraquecidos e abatidos, como ovelhas sem pastor... A messe é grande, mas os operários são poucos. “Pedi, pois, ao Senhor da messe que envie operários para sua messe”. E ainda completou: “Eu vos envio como ovelhas no meio de lobos” (10,16).

Por fim, Jesus, foi você que, ao multiplicar os pães e saciar a fome do povo disse: “Não é necessário ir comprar víveres: dai-lhes vós mesmos de comer”. Não é preciso ser versado em Teologia para entender seu recado: devemos aprender a partilhar. E, se quem partilha é chamado de “comunista”, então quero ser também assim chamado, porque hoje, quem critica as Pastorais Sociais, os Movimentos Sociais e Populares, os que praticam a Caridade, ainda não entendeu sua proposta de santificação, não entendeu ainda sua proposta evangélica. O que os dedicados agentes das Pastorais Sociais praticam, assim como os descritos acima, nada mais é do que fazer uma leitura atenta do seu Evangelho.

Então, Jesus, eu peço com devoção e piedade que o Vosso Espírito venha a agir com intensidade naqueles que enxergam a Igreja apenas dentro de si, com rigidez litúrgica e normas farisaicas, que ainda não compreenderam que a Palavra deve ser ouvida e praticada, que a prática da Palavra nos leva à Caridade, e que a Palavra e a Caridade se completam quando celebramos a Liturgia. Dai-lhes a graça de uma vez por todas, entender e aplicar o que nos trouxe o Concílio Vaticano II, sob a inspiração do Espírito Santo a São João XXIII e entender e aplicar o que o Santo Padre Francisco ensina: devemos ser UMA IGREJA EM SAÍDA.

Entendo que há o Comunismo político, que leva à opressão e tirania, obrigando os pobres a ter tudo em comum, enquanto os “líderes” se enchem dos bens. Mas a sua prática e aquilo que nós, agentes sociais da Igreja buscamos praticar, é “ter tudo em comum”. Jesus, descobri que sou comunista por sua causa. Mãe Aparecida, São Francisco de Assis e São Benedito, rogai por nós e pelos que precisam do auxílio da Igreja, enquanto o Estado é omissivo. Amém

6) MÊS VOCACIONAL - VOCAÇÃO DE SERVIÇO

A família, no mundo todo, vem sendo hostilizada, humilhada, em nome da “liberdade” (libertinagem?), do “direito de agir” (egocentrismo?), das “leis em favor (?) do povo”. No Brasil não é diferente: após a aprovação da Lei do Divórcio, na calada da noite no Congresso, se aprovou a rapidez no processo de separação e divórcio “para que os separados não fiquem traumatizados com a situação”, como disse em entrevista um dos congressistas. Embora também aleguem pensar nos direitos dos filhos (resolução rápida para saber com quem fica a guarda), reflitamos: não são os filhos quem mais sofrem com a separação? Será que está sendo respeitado o direito da criança?

A Semana da Família de 2010 refletiu uma frase do Papa Bento XVI: “Família, formadora dos valores humanos e cristãos”. Esses valores que continuam vivos na Igreja parecem “desatualizados” na sociedade, chamados de retrógrados por alguns liberais. Sugiro a reflexão de uma frase repetida várias vezes por dia na programação da Rádio Jovem Pan de São Paulo, Capital: “A Família é o berço de tudo”.

Não apenas no Dia dos Pais (hoje muito mais comercial que comemorativo), mas durante o mês vocacional, meditemos como anda a nossa vocação de pais, de esposos, de filhos. Não apenas como Igreja, mas também como sociedade. Se resgatarmos os valores humanos e cristãos, lamentaremos muito menos a violência, o consumo de drogas, a liberalidade sexual, os conflitos éticos e religiosos. Mesmo a disputa religiosa nas famílias, hoje dividida no seguimento, que provoca conflito de interesses religiosos ou sectários.

O Matrimônio é Sacramento de Serviço, onde os cônjuges se propõem a servir no Amor e pelo Amor. A doação leva a viver plenamente a Vocação. Assim sendo, promove outra Vocação de Serviço: o Sacramento da Ordem. É na família que surgem as vocações diaconal e presbiteral, bem como para a Vida Consagrada e Religiosa. A sociedade parece impor às famílias o “não” à vida consagrada. É preciso estimular os que se sentem chamados a servir a Deus a seguirem sua vocação.

O Presbítero, como Padre, “pai” de uma Comunidade, embora abdique da presença de sua família para servir outras famílias, deve ser acolhido na comunidade para uma vida em família. Contribui para o crescimento da Comunidade o fato de ter o Padre como membro da família. Às vezes há distanciamento por timidez ou certa retração do Padre, bem como pelo fato de que para alguns paroquianos o Padre é uma figura distante, vista apenas no Altar ou no Confessionário.

A família contribui também para a Vocação Diaconal Permanente. O Diácono Permanente, na maioria das vezes casado e pai de filhos, testemunha a família na Igreja e testemunha a Igreja na família. A vocação diaconal nasce na Comunidade, contribui para o crescimento da Igreja/Família. O Diácono serve aos pobres, celebra a Palavra. Embora desconhecido para alguns (ainda se pergunta se Diácono é Padre ou Acólito), o Diácono é muito importante para a comunidade.

Vocação Matrimonial, Vocação Presbiteral e Vocação Diaconal são Vocações de Serviço. Rezemos pelas famílias, pelos presbíteros e diáconos para que sejam transformadores da sociedade. Dia 4 de agosto, dia de São João Maria Vianney, Dia do Padre. Dia 08 de agosto, Dia dos Pais, Semana da Família. Dia 10 de agosto, Dia de São Lourenço, Dia do Diácono.

7) FRASES DE SABEDORIA NO DESESPERO

Às vezes, num momento extremo de dor, pessoas falam frases marcantes, que ficam na memória de quem ouve como máximas de sabedoria. Pude experimentar isso nos dias 29 e 30 de outubro de 2010.

Ao abrir e-mails deparei com um apelo de um jovem em favor de seu pai, em estado grave num hospital. Rafael, filho do diácono Rosário Guagliano Filho, de Jundiaí, SP, diante da gravidade da situação do pai fez este apelo: "Meu pai sempre me disse que todos os diáconos são irmãos, então, por favor, juntem-se e orem pelo irmão de vocês".

Infelizmente no mesmo dia o diácono Rosário faleceu. Ao mostrar minha solidariedade à esposa Miltes e aos filhos, ouvi do Rafael esta frase: "Meu pai sempre acreditou e falou sobre a ressurreição. Ele está passando por aquilo em que sempre acreditou e testemunhou". Entendi nessa frase certo desespero pela separação, mas uma íntima alegria por saber que seu pai teria a recompensa dada aos justos e aos que testemunham o Senhor Jesus.

Em seguida disse: "Antes, era Nossa Senhora do Rosário (em alusão ao pai). Agora, no céu, é Rosário de Nossa Senhora". Entendi como belíssima a frase e o entendimento do filho. Seu pai sempre orou em família e testemunhou a devoção a Maria com o título de Nossa Senhora do Rosário. No final da Missa de Exéquias Rafael teve a oportunidade, em nome da família, de falar na despedida do Diácono Rosário. Da narrativa sobre a vida do Diácono, marcou-me as coincidências (ou Providência Divina): ao ser batizado, foi consagrado á Nossa Senhora do Rosário; foi, quando adolescente, seminarista salesiano. Sua ordenação Diaconal Permanente ocorreu no dia 31 de janeiro de 2003, Dia de São João Bosco, fundador da Congregação Salesiana; seu falecimento ocorreu em outubro, Mês Missionário e Mês do Rosário; o velório e a Missa de Corpo presente ocorreram na Igreja de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito de Jundiaí, Santuário Eucarístico Diocesano.

Diácono Rosário foi sempre um defensor da vida. Seu trabalho na Diaconia Hospitalar de Jundiaí foi de uma dedicação ímpar. Muito criativo e dedicado, foi o organizador do Seminário de Bioética Diocesano, que teve mais de uma edição. A Diaconia Hospitalar de Jundiaí, sob seus cuidados, foi modelo para outras dioceses que implantaram o serviço.

Lembro que só me restaram estas frases: "Servo bom e fiel, já que fostes fiel no pouco, eu te confiarei muito. Vem regozijar-te com teu senhor (Mt 25, 21). Descanse em Paz!!!

8) EIS QUE VEM O NOSSO REI!

"Advento" é a tradução do latim "adventus". Antes de ser usada no cristianismo, podia significar duas coisas. Primeiro, acreditava-se que a divindade vinha a seu templo uma vez por ano, num dia fixo, para visitar seus fiéis durante o culto e trazer-lhes a salvação. Esse dia era chamado "adventus", o dia da vinda. Muitos templos só abriam suas portas naquele dia.

Também a primeira visita oficial duma pessoa importante, principalmente para tomar posse e assumir o governo ou algum outro cargo importante, era chamada de "adventus" ou, em grego, "parusia" ou "epifania" (manifestação). (Cf. Ione Buyst, Preparando Advento e Natal, pg. 19, Ed Vozes, 1986).

O advento marca o início do Ano Novo Litúrgico para a Igreja. A Igreja pode se manifestar a todos, antecipadamente: FELIZ ANO NOVO... litúrgico. Deus se faz presente em nossa vida todos os dias, não somente em determinado dia. Todo dia é dia da visita de Deus. O Advento para os cristãos é a preparação para a vinda do nosso Rei e Senhor Jesus Cristo. Vinda que se manifesta de duas maneiras: a segunda vinda para os que já conhecem Jesus, e a primeira vinda para aqueles que ainda não fizeram a experiência pessoal com Jesus Cristo.

A Igreja é sábia, porque assistida pelo Espírito Santo, e nos proporciona uma séria reflexão sobre a segunda e definitiva vinda do Cristo quando João Batista adverte: "Fazei penitência porque está próximo o Reino dos Céus" (Mt 3,2), enquanto anuncia o Messias: "Ele vos batizará no Espírito Santo e em fogo. Tem na mão a pá, limpará sua eira e recolherá o trigo ao celeiro. As palhas, porém, queimá-las-á num fogo inextinguível" (Mt 3, 11b-12). QUEM TIVER OUVIDOS, OUÇA!

Enquanto batizados, somos "discípulos missionários" de Jesus Cristo e devemos anunciar a sua vinda para aqueles que ainda não O conhecem, ou para aqueles que O conheceram, mas não perseveraram, ou ainda para aqueles que dizem conhecer, mas não dão testemunho de vida cristã.

É nesta época, de agora ao final do ano, que vemos muitas ações da filantropia em favor dos pobres. Campanhas e mais campanhas de alimentos, presentes, brinquedos etc. Questiono-me, como Igreja: essas ações não deveriam ser de promoção humana, e todos os dias do ano? Não deveria ser criada condição para que as pessoas pudessem ter alegria e dignidade conquistadas durante o ano, através da oportunidade dada por aqueles que governam, com auxílio das entidades (Igrejas, ONGs, Sindicatos, Universidades)?

Enquanto clamamos "VEM, SENHOR JESUS", não temos tempo de olhar para o lado e ver que ele está conosco, que nos ensina cotidianamente, através de seus sinais, a agir em favor do próximo, num renovado ADVENTO.

9) ANO NOVO, VIDA NOVA? SIM, COM CRISTO!

O que marca o final de um ano é o desejo de vida nova no ano que se inicia. Os propósitos, as promessas marcam a fala das pessoas. Mas podemos fazer um balanço: o que cumprimos das promessas feitas no início de 2010? Podemos refletir o Salmo 115 (116): “Que poderei retribuir ao Senhor Deus por tudo o que Ele me tem dado?” (vs. 3). O salmista deixa claro seu propósito: “Cumprirei os meus votos para com o Senhor, na presença de todo o meu povo” (VS. 5.9).

A presença do fiel na comunidade e, mais que isso, a sua participação, é que mostra o propósito de “cumprir os votos para com o Senhor”. Com o salmista poderemos dizer de coração livre: “Oferecer-vos- ei um sacrifício de louvor, invocando o nome do Senhor” (VS. 8).

O Mestre nos alerta: “A messe é grande, mas os operários são poucos. Pedi, pois, ao Senhor da messe, que envie operários para sua messe” (Mt 9, 37-38). Diz a canção: “São muitos os convidados, quase ninguém tem tempo”. “Tempo é questão de opção”, dizia Dom Gabriel Paulino Bueno Couto, primeiro Bispo de Jundiaí, SP, cujo processo de beatificação está bem adiantado. Que façamos a opção pelas coisas de Deus em favor do nosso ministério diaconal, nas comunidades e paróquias, opção preferencial pelos pobres.

Muitos são os propósitos e as propostas da CND e CRDs para 2019. Mais que tudo, precisará da participação dos Diáconos Permanentes, esposas e famílias, para que

se consiga fruto. As novidades provocam muitas vezes, discussão e questionamento. Enquanto permanecemos na margem, por omissão ou rotina, não crescemos.

Então, o propósito da Igreja é nos levar a abraçar a causa do Reino, ir ao encontro dos menos favorecidos, sermos autênticos “discípulos missionários de Jesus Cristo”, conforme nos exortam o Documento de Aparecida e as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil.

A Missão da Igreja começa no Templo, mas acontece no Tempo. Espalha-se por todos os lugares onde a Palavra deve ser anunciada. O Discípulo Missionário de Jesus Cristo não vê obstáculos, confia na plenitude da graça do Espírito Santo. Que em 2019 possamos estar em plena sintonia e harmonia com a Igreja, deixando de lado as querelas e fofocas pessoais ou comunitárias e nos coloquemos verdadeiramente a serviço do Reino de Deus.

Maria Mãe de Jesus, a “Estrela da Evangelização”, a “primeira catequista”, exemplo de Diaconia, estará sempre intercedendo por seus filhos, que somos todos nós. Santo Estevão e São Lourenço roguem por nós.

10) A IGREJA ESPERA UMA FORTE AÇÃO DOS BATIZADOS NESTA QUARESMA

Na Quaresma, na Igreja do Brasil, sempre refletimos um forte tema social, necessário para a realidade sócio/política do Brasil. A Quaresma é Tempo Forte da Igreja, tempo de reflexão, oração, jejum e esmola. Tempo de conversão para viver a plenitude da Páscoa do Senhor.

A Campanha da Fraternidade abordará em 2019 “Fraternidade e Políticas Públicas”. É necessário questionar o Executivo, Legislativo e Judiciário, para garantir aquilo que está na Constituição Brasileira: o acesso de todos, especialmente os pobres, enfermos, idosos, aposentados à Saúde Pública, principalmente através do SUS, preservação do Meio Ambiente, Saneamento Básico, Educação de qualidade, Segurança.

“Política é o cuidado da cidade. Cidade como a realidade que compõe a sociedade. Santo Agostinho fala de uma nova cidade: a Cidade de Deus. Uma realidade onde a convivialidade expressa a dignidade dos que vivem como filhos e filhas de Deus. Política que está para além e para aquém dos partidos políticos. Política

como expressão da caridade. Como lembram os bispos do Brasil, ‘A política é forma sublime de exercer a caridade’. Portanto, política como cuidado do todo. Mas, “muitas vezes a própria política é responsável pelo descrédito, devido à corrupção e à falta de boas Políticas Públicas” (Texto-Base – Introdução, 7).

Diz ainda mais o Texto-Base na Introdução (12): “A participação dos cristãos na sociedade possibilita fortalecer a vida social nas suas relações. Construir uma fraternidade, cuidar do bem comum e fortalecer a cidadania expressa a força transformadora do Evangelho no cotidiano das comunidades. A política é essencialmente o cuidado para com o que é comum e realizar ações que ajudem na integração de todos na sociedade. Políticas Públicas como ações comuns, públicas, pertencentes a todos. É tarefa de todo o cristão participar na elaboração e concretização de ações que visem melhorar a vida de todas as pessoas. Fazer obras de misericórdia!

Que não somente os agentes de pastorais sociais da Igreja Católica compreendam isso, mas todos os que, independente de credo têm como meta atuar em favor dos excluídos, participem ativamente do mesmo e de seus desdobramentos. Lembremos do tema de um dos Seminários da 5ª Semana Social brasileira, realizado em Embú das Artes: “Um novo Estado, caminho para uma sociedade do Bem Viver”, e o lema: “Em busca dos sinais dos Tempos: reflexão crítica sobre a história dos dias atuais”.

Coragem! Façamos a nossa parte para termos uma sociedade mais justa e fraterna!

11) TEMPO PROPÍCIO

O Tempo de Quaresma é chamado na Igreja de Tempo Propício. É uma travessia, uma caminhada na História da Salvação, da realização da Promessa em Jesus Cristo.

É tempo propício para silenciar, escutar mais e falar com sabedoria, silêncio dos gestos e no coração. Ter como modelo Maria: “Maria conservava todas estas palavras, meditando-as em seu coração” (Lc 2,19); “...sua mãe guardava todas essas coisas em seu coração” (Lc 2,51b).

É tempo propício para orar. Disse Jesus: “Nas vossas orações não multipliqueis as palavras como fazem os pagãos que julgam que serão ouvidos à força da palavra” (Mt 6, 7).

É tempo propício para jejuar. “Quando jejuardes, não tomeis um ar triste como os hipócritas, que mostram um semblante abatido, para manifestar aos homens que jejuam” (Mt 6,16). O jejum tem maior sentido quando oferecemos aos pobres, aquilo que economizamos, principalmente das coisas supérfluas.

É tempo propício para a Caridade. Dom Hélder Câmara teve a visão profética ao propor a Campanha da Fraternidade durante a Quaresma. É necessário orar, jejuar, silenciar, mas é dom evangélico suprir as necessidades do próximo. Os temas sociais estão sempre em destaque nas CFs desde a década de 1990. A Igreja provoca a sociedade a debater temas que a própria sociedade sabe que são primordiais, mas, muitos têm medo, ou se omite, ou se acomoda com a situação. A juventude, tema de uma das Campanhas da Fraternidade, precisa ser ouvida, compreendida, mas exortada cada vez mais a voltar a Deus e a olhar o próximo. “Há hoje um desmanche de valores, precisamos ajudar a juventude a recuperar esses valores”, diz o cardeal arcebispo de São Paulo, Dom Pedro Odilo Scherer.

É tempo propício para praticar a caridade em plenitude. É oportunidade para os Grupos de Rua ou de Campanha da Fraternidade nas casas, não apenas levar o rito de oração, mas para partilharem também as necessidades das pessoas. Não como assistencialismo, mas como acolhida da Igreja e promoção social. Daí, que é oportuno que se escolham justamente casas de pessoas afastadas da Igreja, doentes, idosos, pessoas com deficiência. Estaremos realizando o sonho de Dom Hélder Câmara, de Dom Luciano Mendes de Almeida, da Beata Irmã Dulce dos Pobres.

É tempo propício para se alegrar no Senhor. É comum ouvirmos que este tempo litúrgico é “fechado”, sem brilho. Não, é tempo de responsabilidade, porque nos preparamos para a Páscoa da Ressurreição. Então, já vivemos uma alegria interior muito grande, que é a espera de celebrar Cristo Ressuscitado. O cristão não é triste, deve ser espontaneamente alegre e a demonstração de alegria deve ser sem exageros, porém sincera.

12) UM PAPA SURPREENDENTE

Muita gente se surpreendeu, não somente os católicos, com a eleição do Cardeal argentino Jorge Mario Bergoglio como Sumo Pontífice. Enquanto se especulava na imprensa e na própria Igreja vários nomes, eis que é eleito quem parecia que não estava tão cotado assim. Mais uma vez fica provada a ação do Espírito Santo na Igreja.

Mas, as surpresas não param por aí. As ações ministeriais do papa, que escolheu o nome de Francisco continuam surpreendendo. São ações despojadas de poder, mas carregadas do dom do serviço, dom da caridade, dom de Deus. Papa Francisco assumiu com clareza as palavras de Jesus: “Vim para servir, não para ser servido”.

Suas exortações são muito significativas. Aos cardeais e bispos pede que “deixem seus palácios para viver junto ao povo”; aos presbíteros pede que “sintam o cheiro das ovelhas”; aos neo-diáconos (transitórios) argentinos diz: "não sejam diáconos de aluguel nem funcionários. A Igreja não é uma ONG. Que no serviço entreguem suas vidas". Aos leigos pede que sejam exemplos de solidariedade para com os excluídos e mantenham a fé como testemunho.

Francisco não está falando para fazerem: ele mesmo o faz. Durante sua vida como diácono, presbítero, bispo e arcebispo, nunca deixou de socorrer os pobres, de viver como pobre. Não fez do poder um “status”, mas sempre levou o poder a servir o povo. Por isso incomoda os poderosos.

O que deveria ser normal na Igreja chama a atenção por ser diferente na própria Igreja. O mandato de Jesus é para o serviço, mas na Igreja isso passou a ser missão de poucos. A exortação do Pontífice é justamente para que isso seja o “normal”, não o “extraordinário”. A sociedade passa por muitas mudanças, mas a missão evangélica dada por Jesus aos apóstolos e transmitida de geração em geração à Igreja não deve ser mudada. A contaminação do poder não deve ser sentida na Igreja.

Quem sabe Deus não está de novo falando a Francisco: “Reconstrói a minha Igreja”. Não deveria surpreender ninguém ver um papa sair do seu trono e ir ao encontro do povo. Não deve surpreender ninguém ver o papa lavar os pés de presidiários, homens e mulheres, católicos e muçulmanos. O seu gesto deve ser imitado por todos nós que acreditamos num mundo melhor, sem diferenças. A Igreja, em especial na América Latina anuncia há muitos anos a “opção preferencial pelos pobres”. Eis o momento propício de colocar isso em prática.

13) SEMPRE É TEMPO DE MISSÃO

As meditações do Tempo Pascal, que todo ano se encerra no Domingo da Solenidade de Pentecostes, sempre trazem um renovado ardor missionário, que nos impulsiona a Evangelizar, tendo no anúncio querigmático a motivação para que a Palavra de Deus chegue a todos.

O Tempo Comum é tempo de maturidade espiritual, de ação eclesial e de compromisso social. A Igreja “pobre e para os pobres”, conforme anseio do papa Francisco, precisa de cristãos comprometidos com a Palavra, com a Caridade e com a Liturgia. E comprometimento não significa apenas estudar e conhecer a Palavra, de dar esmolas e contribuir com o Dízimo e a coleta, de participar das missas de preceito. É muito mais que isso. É preciso não ter medo de se comprometer com a causa do Reino de Deus, anunciada no Evangelho de Jesus. “Outrossim, o Espírito vem em auxílio à nossa fraqueza; porque não sabemos o que devemos pedir, nem orar como convém, mas o Espírito mesmo intercede por nós com gemidos inefáveis. E Aquele que perscruta os corações sabe o que deseja o Espírito, o qual intercede pelos santos, segundo Deus” (Rom 8, 26-27).

A Palavra de Deus é sustentáculo da fé. Aprendamos com Paulo Apóstolo: “Toda a Escritura é inspirada por Deus, e útil para ensinar, para reprender, para corrigir e para formar na justiça. Por ela, o homem de Deus se torna perfeito, capacitado para toda boa obra” (2Tim 2,16-17). Muitas vezes o respeito humano nos impede de agir em favor da verdade e da justiça. Deveríamos sempre nos perguntar: “É porventura o favor dos homens que eu procuro, ou o de Deus? Por acaso tenho interesse em agradar aos homens? Se quisesse ainda agradar aos homens, não seria servo de Cristo” (Gal 1,10). A Palavra de Deus deve nos incomodar, não acomodar.

Neste mundo atribulado, violento, hedonista e consumista, corremos o risco de nos acomodarmos, achando que não vale a pena lutar, que não é possível mudar o estado de coisas. Deveríamos levar em consideração a exortação do Apóstolo: “Não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso espírito, para que possais discernir qual é a vontade de Deus, o que é bom, o que lhe agrada e o que é perfeito” (Rom 12,2).

Que possamos celebrar a Sagrada Liturgia dando graças pelo cumprimento da Palavra e por ações de Caridade e Misericórdia. “A Caridade é paciente, a caridade é bondosa. Não tem inveja, não é orgulhosa, não é arrogante, Nem escandalosa. Não busca os seus próprios interesses, não se irrita, não guarda rancor” (1Cor 13,4-5).

14) TEMPO DE MEDITAR, TEMPO DE AGIR: QUARESMA.

O Tempo da Quaresma é tempo propício para ouvir, “descansar” no Senhor, silenciar o mais possível, rezar e agir. Essas cinco modalidades são constante desafio para os cristãos dos tempos atuais.

- **OUVIR** em meio ao barulho ensurdecedor do mundo. Sons de todos os tipos e para todos os gostos (ou desgostos). Que impede de ouvir adequadamente, até mesmo nos “papos” amigáveis. Mas precisamos enfrentar o desafio da distração, da pressa para ouvir, principalmente a Palavra de Deus.
- **DESCANSAR NO SENHOR**, buscar refúgio naquele que nos acolhe, conforta, consola e acalma. Quaresma é tempo de refletir sobre nossa caminhada de cristão. Às vezes “metemos os pés pelas mãos” porque estamos estressados, depressivos e buscamos remédio sem consulta médica, isto é, sem ouvir o Senhor, sem buscar nele o refúgio e as “saídas” das nossas crises.
- **SILENCIAR O MAIS POSSÍVEL**, ouvir mais e falar menos. Agindo assim, talvez erremos menos e daremos oportunidade aos outros de falar. Enquanto falamos, silenciamos e ouvimos: assim daremos tempo para que o Espírito Santo nos dê o discernimento sobre o que falar.
- **REZAR** para que continuemos fiéis àquele que é Fiel. Diz o ditado popular que “quanto mais se reza, mais tentação aparece”. O Tentador procura perturbar justamente aquele que reza mais para que reze menos, para que se canse de rezar, para que se omita na oração. Há um tempo para tudo: porque às vezes somos escravos do relógio para atendermos tantos compromissos e não achamos tempo para rezar como convém? Eis outro grande desafio.
- **AGIR** na Missão, na Evangelização, na Catequese, no Testemunho. Agir em favor dos pobres, dos menos favorecidos, dos excluídos desta sociedade cada vez mais consumista e elitista. A Diaconia deve ser exercida por todos os

batizados. O Dom do serviço é Dom do Amor/Caridade. Do Diácono exige-se mais ainda.

A Palavra ouvida e aplicada na Vida nos remete à celebrar com Alegria a Sagrada Liturgia. A Palavra ouvida na Liturgia nos leva à prática da Caridade. A Caridade praticada nos leva à louvar a Deus com Alegria na Sagrada Liturgia. A Liturgia vivida e celebrada nos leva à compreender e viver a Palavra de Deus.

Parece uma roda vida, mas cada vez mais aperfeiçoada pela Palavra, Liturgia e Caridade. Como se diz popularmente: uma coisa puxa outra. Então é Tempo de Praticar para Viver a Vida na Graça (de graça).

III. QUESTÕES SÓCIO-POLÍTICAS

1) FAZENDO O JOGO DELES NO MARKETING

Chamou a atenção, há pouco tempo, a discussão em torno de propaganda televisiva de uma empresa de produtos de beleza, com casais homossexuais. Causou revolta em alguns grupos neopentecostais e também em grupos católicos. O que não perceberam é que, falando sobre a propaganda, aumenta a visibilidade dos produtos. Ao comentar nas redes sociais, o cristão provoca a curiosidade de outros e darão mais audiência àquilo que, pretensamente julgam como pecado.

Há maneiras de não ver a propaganda: mudar de canal ou desligar o aparelho. Quando a pessoa vê e comenta, está fazendo a vontade do marqueteiro e da empresa. É uma jogada de marketing. O namoro homossexual é uma forma de demonstrar amor que desafia a sociedade e, por extensão a Igreja. O papa Francisco já disse que promovemos muita discussão em torno do assunto e pouco fazemos na acolhida quando precisam da Igreja, procuram a Deus. O chamado “casamento homossexual” é criação civil, e a Igreja não vai permitir isso como sacramento.

Recordo de fatos ocorridos na década de 1990, provocados pela Renovação Carismática Católica. Bastou um “líder” dizer que o proprietário da marca Phebo fez “pacto com o demônio”, para uma feroz propaganda contra a marca. Eu não me senti atingido, pois gostava de usar produtos daquela marca.

Na mesma época, outro “líder iluminado” disse que os discos da Xuxa emitiam sons guturais quando rodado ao contrário. Muitas crianças choraram quando seus pais acreditaram e quebraram os LPs da artista. Confesso que não entendia como um aparelho, feito para girar à direita, pudesse com aqueles discos girar ao contrário. Quando consegui, notei que qualquer disco forçado a girar em sentido contrário produzia sons estranhos.

Por fim, liderados por uma “carismática” de Campinas, SP, grupos de nossa região passaram a orar em casas de pessoas com problemas “descobrimo” que os males eram oriundos da cor vermelha ou porque tinham reservas de ouro ou de joias em casa, representando a figura do demônio. Conheci pessoas que jogaram ouro no rio, para se “libertar”, ou, induzidos pelo grupo, quebraram até imagem do Sagrado Coração de Jesus porque era de cor vermelha. Várias vezes discuti com esses grupos

usando o simples argumento: somos carismáticos, dizemos ser impulsionados pelo Espírito Santo, cuja cor litúrgica é vermelha e dizemos que essa é a cor do demônio. Durma-se com um barulho desses!

Também fui pressionado porque, sendo um dos líderes, usava agasalho da marca Fido Dido. Ora, até hoje não me provaram existir qualquer mal pelo fato de usar roupas dessa grife (acho que nem existe mais). Meus pais já me diziam que, de bem intencionados deve estar cheio o inferno.

Precisamos como cristãos acreditar mais na Palavra do Senhor e menos nas invenções do mundo. Às vezes tenho a impressão que concorrentes criam invenções, destacadas pelo fanatismo religioso (em especial os da linha neopentecostal) para prejudicar a concorrência.

Para refletir: “Quando atravessares as águas, eu estarei contigo e a correnteza não te afogará. Quando atravessares o fogo não te queimarás, pois Eu sou o Senhor Teu Deus.” Is 43, 2-3.

2) AS DIFERENÇAS E OS DIFERENTES

A liturgia da Solenidade de São Pedro e São Paulo, Apóstolos, me leva a refletir sobre as diferenças e os diferentes. Em refletir sobre as “contradições” (segundo o pensamento humano) de Deus e do próprio Jesus. Em refletir sobre o chamado de Deus e suas consequências em nossa vida.

Costumamos ouvir e dizer esta frase: “Deus não chama os capacitados, capacita os chamados”. Isso não quer dizer que Deus não chama os letrados, estudados, sábios. Na verdade, chama a todos, indistintamente. É que a resposta, na maioria das vezes é dada pelos mais simples, humildes.

Chama o desconhecido Abraão para ser o “pai de todos os Povos” (Gn 12,1-3). “Foi pela fé que Abraão, obedecendo ao apelo divino, partiu para uma terra que devia receber em herança” (Hb 11,8). Chama o tímido Moisés para libertar o povo escolhido da escravidão do Egito (Ex 3,1-22). Escolhe Davi, não por beleza física, mas por sua capacidade de pastor (1Sam, 12-13), capaz de unir os dispersos de Israel, unir os reinos do Norte e do Sul.

Jesus escolhe os Doze após uma noite de oração (Mt 10,1-4), mas vai chamando e formando (chamado) e capacitando (envio) conforme as circunstâncias. Simão Pedro

e André, Tiago e João junto ao mar (Mt 4,18-22); Levi/Mateus na banca de arrecadação de impostos (Mc 3,13-14); Filipe é chamado e indica Natanael/Bartolomeu, e assim vai completando sua pequena comunidade.

Pedro e Paulo eram diferentes e expunham suas diferenças. Pedro tinha a capacidade de liderança (não era só pescador, mas liderava um grupo de pescadores). Era muito dedicado ao seu trabalho e, com certeza, frequentava o templo assiduamente. Não era “letrado”, mas a vida e as lides lhe ensinaram tudo o que precisava. Paulo, fabricante de tendas, era inteligente, obstinado em cumprir a Lei, perseguidor dos cristãos, com facilidade de palavras. Enfim, aparentemente o oposto de Pedro. Tinham suas divergências, resolvidas em diálogo. O Concílio de Jerusalém selou tudo, pois ambos tinham a disposição e a missão de anunciar o Cristo Ressuscitado a todos os povos.

Pedro e Paulo tinham muita coisa em comum. A principal delas: o amor imensurável e incondicional a Jesus; o desejo de cumprir a escolha, o mandato e o envio até com a própria vida. Tinham em comum a obediência à Palavra, ao Mestre de Nazaré. Embora diferente e com diferenças, sabiam da missão dada pelo Mestre Jesus e cumpriram à risca. Por que Pedro como líder e não Paulo? Justamente, pela capacidade de liderança, pelo testemunho: “Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo”! (Mt 16,16). Por ter deixado tudo para seguir Jesus, por ser o primeiro sempre em tudo. Pedro liderando, e Paulo percorrendo o mundo de então anunciando, formando comunidades, atraindo pagãos ao cristianismo.

Por fim, a oração em comum pelo líder da Igreja. Pedro estava preso por ordem de Herodes, acorrentado e vigiado por muitos guardas, mas a Igreja orava sem cessar por ele a Deus. E Deus o libertou através do anjo. Pedro, o papa, nos remete a Francisco, o papa. Francisco é admirado por cristãos e não cristãos em todo o mundo. É admirado no mundo político, no campo social e, principalmente no campo religioso. Mas, é importante e cada vez mais necessário rezar pelo papa. Ele não é compreendido por alguns bispos, presbíteros, diáconos, religiosos e leigos por sua simplicidade, por querer uma Igreja pobre para os pobres, por querer uma Igreja em saída, em constante missão, em lutar contra os exageros de dentro da Igreja, como o da opção pelo luxo e pelas construções, pelos paramentos vistosos e pela apatia de muitos clérigos em relação à ação social da Igreja que, a partir da Igreja latino-americana faz a opção

preferencial pelos pobres. Rezemos sem cessar pelo Sumo Pontífice Francisco, enviado por Deus no momento em que a Igreja e o mundo mais precisam da graça de Deus e do testemunho.

3) CLERO E AGENTES DE PASTORAL LONGE DO POVO

Ouvi durante a manifestação do “Grito dos Excluídos” em Jundiaí, SP, uma frase que me provocou profunda tristeza, apesar de concordar com a mesma. Gostaria muito (e sempre peço a Deus por isso), que fosse diferente. A frase é: “Muitos padres e diáconos têm as roupas arrumadas e perfeitas e os sapatos limpos porque não pisam na periferia”.

É constante a nossa afirmação e confirmação de que os políticos estão cada vez mais longe do povo. Têm os mandatos para nos representarem, mas preferem se locupletar com o dinheiro da corrupção, com os desmandos do poder, com as facilidades de enriquecimento ilícito. A cada dia, novo escândalo.

No caso do Clero, estar longe do povo tem outra dimensão, mas é ao mesmo tempo grave. Os pobres encontram na Igreja, em suas Pastorais e Movimentos Sociais a ajuda que precisam para sobreviver, para manterem viva a esperança de dias melhores, de promoção social. Mas, em contrapartida, as Pastorais e Movimentos Sociais estão tendo cada vez menor apoio por parte de alguns bispos e de muitos párocos. Parecem que estão fechando os ouvidos para não ouvirem os apelos do papa Francisco de uma Igreja em saída, de uma Igreja pobre e para os pobres, de uma Igreja evangélica e evangelizadora, missionária e acolhedora.

No caso dos leigos, a grande dependência do pároco, que torna o leigo clericalizado, impede sua participação em eventos de natureza social. Já as Pastorais Sociais mingam por não ter suporte logístico e financeiro por parte de algumas dioceses e paróquias para cumprirem a formação adequada em Encontros, Fóruns e Retiros, além de cumprirem certo formalismo litúrgico nas ações que deveriam ser litúrgicos sociais.

Quando da visita do papa Francisco a Aparecida, em 2013, ficamos aguardando a missa debaixo de forte temporal, porque, por imposição da Polícia Federal, a administração da Basílica nos impediu de entrar no templo antes que o papa estivesse pronto para a Celebração. E fiquei estarecido ao ouvir o diálogo de dois presbíteros ao

nosso lado. Um deles disse: “Temos hoje, por graça de Deus, um papa que se preocupa com os pobres e excluídos. O papa certo no momento certo, que dá testemunho de simplicidade e nos exorta a sermos simples e estarmos juntos do povo humilde”. Respondeu o outro: “Que nada, você acha que posso viver sem o celular, tablete e computador, sem um carro novo, sem ar condicionado? O papa falou, mas não somos obrigados a cumprir isso”. Ouvindo isso debaixo do temporal, ao lado de um amigo diácono, fiquei triste e estarecido.

Celebrando o “Grito dos Excluídos” desde 2006, em minha cidade (Salto) e na sede da Diocese (Jundiaí) a partir de 2011, a cada ano lamentamos a ausência dos presbíteros e diáconos. Numa diocese com cerca de duas centenas de clérigos, exortados pelo bispo diocesano a participarem, vemos com tristeza um número ínfimo dos pastores das comunidades (nos últimos anos, raramente ultrapassou o número de três presbíteros e três diáconos). E, pior ainda, a não participação de pastorais, movimentos sociais e Cáritas de outras cidades da diocese, exceto as 3 mais próximas da sede.

O carisma diaconal é estar a serviço do pobre, do excluído, do marginalizado. E, no entanto, a ausência dos diáconos, num momento em que se deve propor a “ser” e “dar” a voz ao excluído, mostra que há muitos diáconos que preferem outras ações na Igreja, menos o ministério diaconal em sua essência. Não basta ser ordenado, é preciso “SER” diácono.

Duas frases de Dom Vicente Costa, bispo diocesano, que considero chave para completar minha reflexão: “Parabéns, a vocês, heroicos participantes deste Grito dos Excluídos”; “Que bom termos um grande número de seminaristas nesta celebração. Espero que a presença não seja por imposição do Reitor, mas pelo desejo de participar”. Isso é alentador, pois o bispo se preocupa com os pobres e excluídos. Pena que, dos aproximadamente 30 seminaristas presentes, apenas 4 ou 5 permaneceram no Ato Cívico. Pena também que jovens presbíteros não estão preocupados com a questão social aflitiva do nosso povo. Há muita preocupação com as vestes, com os templos, até com o dízimo, mas (e isso serve como alerta aos diáconos, já que muitos têm a mesma preocupação), é preciso mais atenção aos excluídos da sociedade. É cada vez mais necessário ir à periferia, aos sem os 3 “Ts”: Sem Teto, Sem Trabalho, Sem Terra.

4) ESPIRITUALIDADE, MISSIONARIEDADE E CARIDADE

A espiritualidade leva à Missão; a Missão promove o anúncio e a Caridade; a Caridade se coloca em socorro aos pobres e excluídos.

A Campanha da Fraternidade de 2015 com o tema “Fraternidade: Igreja e Sociedade”, e o lema “Eu vim para servir” (Mc 10,45) nos ofereceu pistas de ação para promover e defender a justiça social neste País tão atribulado do ponto de vista político, social e econômico. Continua sendo momento propício de refletir como nós, os cristãos, estamos agindo como cidadãos e cidadãs.

“A fé cristã deve incidir em todas as dimensões da vida, e não só no âmbito privado. Ela deve chegar à expressão política, que apresenta entre suas finalidades principais a promoção do bem comum e da justiça social. O próprio Concílio Vaticano II afirma que a fé obriga os fiéis a cumprirem seus deveres terrenos e a colaborar com boa vontade e competência, nos mais variados campos da vida social” (CF 2015, 229).

A Igreja sempre foi missionária, mas vivemos agora um tempo ainda mais forte de missão. Para ser missionário é preciso ter a espiritualidade que se exige de um cristão. Espiritualidade que leva a viver plenamente a fé e a ter a disposição necessária para desempenhar a missão. O Papa Francisco chama todos os batizados a uma conversão missionária. O mandato missionário recebido de Jesus Cristo (cf. Mt 28,19-20) pede uma Igreja em saída para testemunhar a alegria do Evangelho, da vida em Jesus Cristo. Diz o Papa: “Não quero uma Igreja preocupada em ser o centro; e ainda: Mais do que o temor de falhar, espero que nos mova o medo de nos encerrarmos nas estruturas que nos dão uma falsa proteção” (CF 2015, 231).

Se a espiritualidade nos leva à missão, entendamos que não basta bater às portas das casas e apartamentos e ler trechos bíblicos: é preciso encarnar a missão como um processo de conversão pessoal e comunitária, um exercício eficaz de testemunho e uma abertura à Caridade. A missão que nos leva a ter um diálogo com as pessoas, ajuda-las em seus problemas, ter uma visão clara da situação em que vivem. Eis uma pista para ações concretas: “Promover momentos para exercer o discernimento evangélico acerca do que ocorre na comunidade, bairro, cidade, e identificar ameaças à vida (pontos de vendas de entorpecentes, prostituição, tráfico de

peças, pessoas em situação de miséria, fatos ocorridos com pessoas, famílias e outros)” (cf. CF, 232).

Missão sem espiritualidade é missão sem poder; missão sem caridade é missão sem dever. Praticar a missionariedade por imposição ou para “seguir a onda” é desperdício de tempo e falso testemunho. A missão se completa pelo exercício espiritual e pela prática da caridade. Recorramos a São Tiago (2,14-17): “De que aproveitará, irmãos, a alguém dizer que tem fé, se não tiver obras? ...Se a um irmão ou irmã faltarem roupas e o alimento e algum de vós lhes disser: Ide em paz, aquecei-vos e fartai-vos, mas não lhes der o necessário para o corpo, de que lhe aproveitará? Assim também a fé: se não tiver obras, é morta em si mesma”

Presbíteros, diáconos, religiosos e leigos: a hora é agora. Com espiritualidade, sejamos missionários. Como missionários, pratiquemos a caridade. Com a caridade, exerceremos a missão no Espírito de Jesus, conforme seu Evangelho.

5). IGREJA E SOCIEDADE: A IGREJA PROMOVENDO O DIÁLOGO

“Aprofundar, à luz do Evangelho, o diálogo e a colaboração entre a Igreja e a sociedade, propostos pelo Concílio Ecumênico Vaticano II, como serviço ao povo brasileiro, para a edificação do Reino de Deus” (Objetivo Geral da Campanha da Fraternidade de 2015, Texto-base, pg. 10). Este foi o objetivo geral da CF 2015, que teve como tema “Fraternidade: Igreja e Sociedade” e como lema “Eu vim para servir” (cf. Mc 10,45). Ela nos convidou a sermos uma Igreja atuante, participativa, consoladora, misericordiosa, samaritana.

“A CF 2015 faz memória do caminho percorrido pela Igreja com a sociedade: quer identificar e compreender os principais desafios da situação atual; apresentar os valores espirituais do Reino de Deus e da Doutrina Social da Igreja, com elementos autenticamente humanizantes; identificar as questões desafiadoras na evangelização da sociedade e estabelecer parâmetros e indicadores para a ação pastoral; aprofundar a compreensão da dignidade da pessoa, da integridade da criação, da cultura da paz, do espírito e do diálogo inter-religioso e intercultural, para superar as relações desumanas e violentas; buscar novos métodos, atitudes e linguagens na missão da Igreja de Cristo de levar a Boa Nova a cada pessoa, família e sociedade; atuar profeticamente à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres, para o desenvolvimento integral da pessoa

e na construção de uma sociedade justa e solidária” (Apresentação da CF 2015 – CNBB, Regional Sul 1).

Por ser instituição de grande credibilidade na sociedade, a Igreja propõe o diálogo, o debate e a busca por soluções que melhorem a vida do povo. Os altos índices de violência requerem não apenas estudos, mas ações que provoquem e promovam a cultura da paz. Os escândalos de corrupção, que há muitas décadas vêm causando a indignação do povo, deve ser combatida na raiz. A CNBB tem tomado a frente nesses debates em uma das suas principais causas: a falta de uma autêntica reforma política, indesejada pelos mandatários e congressistas, justamente por interromper essa perniciosa “fonte de lucros” pessoais, grupais e partidários.

Ainda há, infelizmente, dentro do seio da Igreja quem se oponha a esse debate porque requer ação política. Esquecem esses que a reflexão quaresmal, que nos prepara para a Páscoa nos leva a atitudes em favor do próximo. Rezar é primordial para nos sustentar na fé, mas não devemos nos esquecer que é a fé que nos motiva à ação: “Fé com obras”, como nos ensina São Tiago (cf. Tg 2,14-18).

A sociedade precisa desse diálogo que a Igreja no Brasil propôs nessa Campanha da Fraternidade. E a Igreja precisa dar testemunho de Jesus Cristo, não apenas em palavras, mas em obras. “Eu vim para servir, não para ser servido” (Mc 10,45) não é apenas uma frase de efeito, mas o mandato de Jesus que diz: “vai e faz o mesmo”. Mãos às obras!

6) QUE O SENHOR FAÇA GERMINAR A JUSTIÇA (CF.IS 45,8D)

“Que os céus, das alturas, derramem o seu orvalho, que as nuvens façam chover a vitória, abra-se a terra e brote a felicidade e ao mesmo tempo faça germinar a justiça! Sou eu, o Senhor, a causa de tudo isso.” (Is 45,8)

Chega o final do ano e já começam as retrospectivas da mídia. Os organismos, associações, igrejas, grupos terminam suas avaliações e fazem suas previsões e planejamentos para o novo ano. O que não foi possível cumprir ganha uma nova chance. Estamos terminando 2018 em profunda crise política, econômica, social e de credibilidade. Muitos já auguram 2019 com crise pior que a deste ano, ou pelo menos, continuidade da mesma. A corrupção tornou-se o maior problema para a maioria dos

brasileiros, que já convivem com má qualidade no serviço de saúde, na educação, com desemprego crescente, com falta de segurança. Os ganhos sociais dos últimos anos estão indo para o ralo por causa da corrupção desenfreada e de medidas governamentais que favorecem os poderosos e desintegram as conquistas da classe menos favorecida. A cada dia um novo escândalo aflora.

No meio de tudo isso surge uma luz: está havendo justiça, diminuí os casos de impunidade, corruptos ativos e passivos estão sendo punidos. Embora passíveis de críticas por causa dos exageros, as manifestações mostram que a sociedade está deixando de ser omissa e começa a reagir. Há muito a fazer e é responsabilidade de todos lutarem por um mundo mais justo, fraterno próximo do ideal.

No Brasil, o Congresso cria lei para que as demarcações de terras passem ao crivo dos parlamentares, cuja “bancada ruralista” é das maiores. Então: “a raposa querendo tomar conta do galinheiro”. A lei antiterrorismo, também tramitando no Congresso, traz o risco de considerar os movimentos populares e sociais como “grupos terroristas” (hoje há uma criminalização), se “ousarem” se manifestar em defesa do direito à vida, ao emprego, à moradia, à saúde, à educação. Os indígenas, especialmente os afetados pelas barragens e usinas hidrelétricas, as comunidades quilombolas, ribeirinhas, dos pescadores estão vivendo uma luta inglória, porque o capital, o poder, a ganância estão querendo cada vez mais.

É nesse quadro quase desesperador que vemos o papa Francisco lutando por direitos, cobrando deveres, ele mesmo dando exemplos de caridade, austeridade e humildade. Quando Francisco chama para o diálogo (primeiro no Vaticano, depois na visita à Bolívia) os movimentos populares e sociais, e clama por justiça, mostra que a Igreja (e todas as denominações cristãs) pode fazer muito mais do que faz hoje. Ainda há muito comodismo. Podemos e devemos orar pelas situações, mas é preciso seguir o conselho de São Bento: ore e trabalhe. As Pastorais Sociais precisam ter mais apoio e, no entanto, parece que as preocupações da Igreja são outras (também dignas, porém não soberanas).

Não só clamemos para que Deus “faça germinar a justiça”, mas façamos a nossa parte por um mundo mais justo. Que as últimas e a próxima Campanha da Fraternidade continuem a ser refletidas na Igreja e na sociedade. Ela não termina na Semana Santa. Que a C.F. de 2019, “Fraternidade e Políticas Públicas”, nos leve à

discussão da crise hídrica, saneamento básico, destruição das florestas e desastres ecológicos como o de Mariana (MG) com esforço comum para salvar a “Casa comum”, o planeta Terra, começando por nossa casa. Que esse debate nos leve à continuar a luta para “cultivar e guardar a criação” (Gn 2,15).

7) SABE COM QUEM ESTÁ FALANDO?

Quantos de nós já ouvimos essa frase: “sabe com que está falando?” Já aconteceu na escola, no trabalho, no trânsito, nos hospitais, nos gabinetes. É a máxima do poder, o exercício de poder daqueles que, alçados por alguma circunstância a um lugar de destaque, sentem-se “donos do mundo”.

Lembro o caso do juiz de direito que, flagrado em blitz sem carteira de motorista e seu carro sem placas, abordado pela agente de trânsito, exaltou-se por causa de seu cargo. A agente então disse: “o senhor é juiz, mas não é Deus”. Foi o que bastou para o “poderoso” se fazer de vítima, e dar, do alto de seu “poder” voz de prisão à agente que tão somente cumpria seu dever. O fato ocorreu em 2011, e agora saiu a sentença: a agente de trânsito deve pagar multa de R\$ 5.000,00 por ter “ofendido” o magistrado. Ainda bem que, graças à repercussão do fato pela imprensa, o CNJ vai rever o caso. A atitude do desembargador que condenou a agente de trânsito mostra não um espírito de corpo, mas “espírito de porco”, tamanha a injustiça.

Repercutiu durante o período eleitoral de 2014 o episódio do candidato a presidente, senador da República, que se negou a passar pelo teste do bafômetro. Isso foi amplamente explorado pela adversária no pleito eleitoral. Há outros casos de “poderosos” e “famosos” que usam do cargo ou “prestígio” para intimidar, levar vantagens. Já presenciei parlamentares “furando” fila para embarque em avião.

Há funcionários públicos relapsos que se apoiam na famosa plaqueta colocada estrategicamente na parede acima de suas cabeças, para evitar reclamações: “Desacatar funcionário público: sujeito às penalidades previstas na Lei...”. A intimidação causa revolta, ainda que não demonstrada no momento, mas que fica na memória de quem passa por essa situação.

Fiquei constrangido ao presenciar a conversa de dois diáconos, questionando se deveriam ser chamados de “reverendo” ou simplesmente “diácono”. Quando

questionado respondi: você é aquilo que é. Seu ministério é diaconal, não acrescente outro título à isso”. Certo padre, que conheci desde criança e que há muito tempo não via, respondeu mal humorado quando eu o chamei pelo nome: “Ah! não, eu sou o Padre A...”. Não o desrespeitei, simplesmente quis mostrar que éramos amigos. Pena que ele não entendeu assim.

Diz o ditado popular: “queres conhecer uma pessoa? Dê-lhe um cargo, poder”. No Livro da Sabedoria há esta correção e exortação (Sab 6, 6-8): “Ao menor, com efeito, a compaixão atrai o perdão, mas os poderosos serão examinados sem piedade. O Senhor de todos não fará exceção para ninguém, e não se deixará impor pela grandeza, porque, pequenos ou grandes, é ele que a todos criou, e de todos cuida igualmente, mas para os poderosos o julgamento será severo”.

Somos todos iguais perante a Lei, diz a Constituição, mas tem alguns que acham que são mais que iguais. Justiça e direito para todos!

8) ESTRANGEIRO OU PATRIOTA?

Como um estrangeiro em minha pátria. Foi assim que me senti num dia da estreia do Brasil na Copa do Mundo.

Explico: saí mais cedo do trabalho, com passos apressados para minha casa. Vestia a camiseta do meu tricolor paulista, São Paulo Futebol Clube, e um agasalho com o emblema do time. Os proprietários e funcionários das casas comerciais vestindo solene e alegremente camisetas verdes e amarelas para dizer aos passantes e (poucos) clientes: sou torcedor da seleção brasileira.

Muitos transeuntes também com passos apressados em direção aos seus lares, à sua televisão. Alguns se decidindo por permanecer no centro, na esperança de conseguir assistir num bar ou loja a partida do Brasil contra a (poderosa) Coréia do Norte.

Por que então me senti um estrangeiro? Porque as pessoas me olhavam de maneira estranha por não estar garbosamente portando a camiseta da Seleção ou, ao menos verde e amarelo. Ora bolas, ser são-paulino é ser torcedor da seleção também. Não preciso me manifestar de outra maneira.

Teve alguém que não aguentou e me questionou (embora jocosamente e não de forma agressiva): você não vai torcer pela Seleção? Olha, foi mesmo engraçado. As

pessoas assumem o patriotismo em época de Copa do Mundo. Então, porque não ser patriota o tempo todo, questionando os políticos corruptos, não votando neles, questionando os partidos políticos que não cumprem seus estatutos?

Tomara que o patriotismo não deixe de vigorar após a Copa do Mundo. Afinal, quando temos eleições para presidente, senador, deputado, governador e que nada impeça o eleitor de usar a camiseta do seu partido, do seu candidato, mas que a alma seja brasileira. Que escolhamos pessoas que verdadeiramente nos representem. Que não sejamos vítimas daqueles que somente aparecem no nosso meio nessa época de eleição. Que sejamos uma verdadeira torcida brasileira.

9) ALGO ESTÁ ERRADO NESTE PAÍS..

“Não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso espírito, para que possais discernir qual é a vontade de Deus, o que é bom, o que lhe agrada e o que é perfeito” – Rom 12,2.

- O motorista e o motociclista diminui a velocidade ou para num cruzamento para evitar colisão e danos ao seu veículo e a si mesmo, mas não para seu veículo para que os pedestres, inclusive idosos, mães com filhos pequenos e pessoas com deficiência, atravessem em segurança na faixa de pedestre ou em esquinas sem as faixas. Algo está errado neste país...

- O cidadão oferece um cumprimento e um sorriso a alguém que passa, mas os fones de ouvidos impedem que a pessoa receba ou queira receber o cumprimento, ou desviam os olhares. Algo está errado neste país...

- A mãe descuida e não ouve ou vê os apelos da criança que quer colo na Rodoviária, no aeroporto, no shopping, porque está ocupada em usar o celular ou tablet. Algo está errado neste país...

- LGTs se unem às feministas para defender o aborto em qualquer circunstância e promover, como aconteceu comigo numa audiência pública no Congresso Nacional, violência física e moral. Algo está errado neste país...

- Juízes sérios aplicam a Justiça contra corruptos e corruptores, mas são constringidos em reversão de sentenças e habeas corpus por Ministros de instâncias superiores. Algo está errado neste país...

- O papa Francisco se une às vozes dos excluídos para que haja uma verdadeira justiça social, mas, dentro da própria Igreja clérigos e leigos não admitem o serviço social da Igreja, deixando sem assistência os voluntários das pastorais e movimentos sociais. Algo está errado neste país...

- “Uma Igreja pobre para os pobres” é o lema do papa em favor de uma Igreja em saída. Mas, aumenta gradativamente o número de seminaristas e candidatos ao diaconado conservadores ortodoxos. Algo está errado neste país...

- “Padres, deixem de ser construtores e voltem a ser pastores”, dizia dom Erwin no CONLA VIII em Quito, Equador, mas, os ouvidos estão fechados, pois, cada vez mais busca-se a preocupação com a beleza exterior das construções e exigências litúrgicas que cada vez mais afastam o povo. Algo está errado neste país...

- Houve conquistas sociais importante nos mandados do presidente Lula, mas gradativamente cortadas pela sua sucessora, e praticamente exterminadas no mandato pós-impeachment, para agradar ao “famoso” mercado e ao capital. Algo está errado neste país...

- Para conquistar o poder, um presidente aclamado pelo povo e que provocou muita esperança à população pobre do país, une-se aos políticos que sempre agiram contra o povo, que sempre foram criticados por ele. Algo está errado neste país...

- Apesar das feridas deixadas pela ditadura militar, ainda há, principalmente entre os jovens que não querem conhecer a verdadeira história do Brasil um perigoso movimento direitista em consequência da eleição, vencida por esse movimento que quer cortar direitos dos trabalhadores, dos aposentados, dos idosos, dos indígenas, dos quilombolas, dos sertanejos, da população ribeirinha. Algo está errado neste país...

- Em pleno Grito dos Excluídos, jovens pegam o microfone para falar mal dos que na Igreja, dão atenção aos pobres e excluídos, aos movimentos sociais populares, defendendo a “pureza” das celebrações em latim e ao conservadorismo das vestes dos presbíteros. Algo está errado neste país...

“Tende piedade de mim, ó Deus, porque aos pés me pisam os homens. Sem cessar eles me oprimem combatendo. Meus inimigos continuamente me espezinham.

São Numerosos os que me fazem guerra. Ó Altíssimo, quando o terror me assalta, é em Vós que eu ponho a minha confiança. É em Deus, cuja promessa eu proclamo. Sim é em Deus que eu ponho minha esperança. Nada temo: que mal me pode fazer um ser de carne?” (Salmo 55 (56),2-5)

10) UM DESAFIO: SALVAR O PLANETA

A CNBB, ao trazer uma reflexão social sempre séria e atual através da Campanha da Fraternidade “cutuca a ferida”, como se diz no interior. A Igreja é sábia, porque assistida pelo Espírito Santo, procura seguir fielmente o que diz seu fundador Jesus Cristo. É mãe, como Maria, zela por seus filhos e pela vida.

A Campanha da Fraternidade de 2011 abordou um tema atualíssimo e deve continuar a provocar muitas reflexões. Refletir sobre a vida no planeta nos leva a refletir sobre o que estamos fazendo em favor da vida, se estamos preocupados com a natureza e tudo o que contém e produz, se estamos preocupados com as gerações futuras: se terão água para beber, comida para comer, natureza para apreciar e cuidar.

O Texto-Base, na introdução (n. 1 e 2) já nos impulsiona para uma reflexão séria. “A Campanha da Fraternidade de 2011 aborda o tema do aquecimento global e das mudanças climáticas. A considerar as intempéries climáticas que estão sistematicamente assolando as populações, de forma cada vez mais intensa e em quantidade sempre crescente, a temática é plenamente justificável.” (1) “No entanto, é necessário dizer que a questão é envolta de polêmica. A causa desse desequilíbrio climático é discutida pelos pesquisadores e basicamente existem dois grupos. Há os que entendem que o aquecimento global é oriundo de processos da própria natureza e os que afirmam que o planeta está apresentando aquecimento devido às grandes quantidades de emissões de gases de efeito estufa, que se intensificaram a partir do momento da industrialização de muitos países, ou como alguns preferem, é resultado de causas antrópicas.” (2).

Dizer que o tempo da Quaresma deve ser reservado apenas à oração e recolhimento é apelar ao comodismo ou ignorar o que se passa à nossa volta. O desejo de Dom Helder Câmara, seu profetismo deve ser ponto de referência para todos nós. É tempo propício à oração, ao jejum, à esmola, mas é também tempo de nos preocuparmos com o próximo, com a natureza, com a VIDA.

Algumas considerações e indagações no material de reflexão de Grupos de Rua: “Podemos compreender a Terra como nossa casa. Estamos morando nela por um tempo. Quando a deixarmos outros ocuparão. Devemos deixar a casa em condições para que as gerações futuras possam viver bem nela.” – Que atitudes revelam descuido para com a nossa casa o Planeta Terra? – Que mudanças são necessárias a nível pessoal? – E na sociedade, o que deveria mudar?

Vamos enfrentar este desafio?

11) CONSELHOS PARITÁRIOS E PARTICIPAÇÃO SOCIAL

O verdadeiro cristão é aquele que exerce o direito e o dever da cidadania.

A Campanha da Fraternidade de 2015 teve como tema “Fraternidade: Igreja e Sociedade” e como lema “Eu vim para servir” (Mc 10,45). É uma grande oportunidade para refletirmos a participação dos cristãos na sociedade, o testemunho cristão na política e ações públicas, e a criação de uma “Sociedade do Bem Viver” através da cultura da Paz.

Uma das questões que foram debatidas durante a Campanha da Fraternidade (e que, oxalá não se limite ao Tempo da Quaresma nem ao ano exposto) é a participação dos cristãos nos Conselhos Paritários e a participação social no município, no Estado, no País. “Os Conselhos Paritários se inscrevem entre os grandes legados da Constituição de 1998 e estão constituídos nos âmbitos municipal, estadual e federal. A CNBB tem promovido encontros com os conselheiros que atuam na esfera federal. A iniciativa merece ser expandida para as demais esferas da Igreja. Além do incentivo aos discípulos missionários para participarem destes Conselhos em nome da Igreja, é necessário implantar processos de capacitação, com adequada formação, para atuarem com competência. Esta representação deve-se inscrever em projeto orgânico de ações da diocese ou comunidade de modo que os conselheiros não se sintam isolados ou assumam viés personalista na representação” (Texto-base, 238).

Agentes de Pastorais Sociais em nossa diocese de Jundiaí têm disponibilizado seu tempo para participarem dos diversos Conselhos Paritários nos municípios. É necessário que outros agentes de pastorais e missionários, além dos diáconos permanentes se disponham a participar. O lema da CF 2015, “Eu vim para servir” é

um chamado e um envio de Jesus que diz “Vai e faz o mesmo”. Tenho meu testemunho na cidade de Salto: participei da criação dos conselhos da Pessoa Idosa, da Pessoa com Deficiência, da Igualdade Racial e do Trânsito e Transporte Público. Com exceção do primeiro, que surgiu por iniciativa de paroquianos da paróquia São Benedito com apoio do então pároco, não sinto por parte da Igreja local um suporte ou apoio na representação nos Conselhos. O apoio vem do povo que reconhece o trabalho dos conselheiros (há cristãos católicos em outros conselhos do município).

A CF trouxe algumas pistas interessantes: inscrever a participação nos Conselhos Paritários no plano pastoral da diocese ou paróquia, como uma das formas de participação da Igreja na edificação do bem comum da sociedade; esclarecer a comunidade sobre a importância da participação; obter informações sobre os Conselhos Paritários constituídos em seu município e sobre seu funcionamento; escolher e preparar pessoas na comunidade para participarem em nome da/e como Igreja.

Em 2019, o tema da Campanha da fraternidade é “Fraternidade e Políticas Públicas”, e o lema “Serás libertado pelo direito e pela justiça” (Is 1,27). Eis algumas pistas colhidas da introdução do Texto-base: “A Campanha da Fraternidade de 2019 tem como objetivo geral: Estimular a participação em Políticas Públicas, à luz da Palavra de Deus e da Doutrina Social da Igreja, para fortalecer a cidadania e o bem comum, sinais da fraternidade. Políticas Públicas são as ações discutidas, aprovadas e programadas para que todos os cidadãos possam ter vida digna. São soluções específicas para necessidades e problemas da sociedade. É a ação do Estado que busca garantir a segurança, a ordem, o bem-estar, a dignidade, por meio de ações baseadas no direito e na justiça”.

Daí a necessidade de o cristão participar dos Conselhos Paritários e das ações de Políticas Públicas, visando o bem comum, realizado a “Sociedade do Bem Viver”.

12) RETROSPECTIVA, PERSPECTIVA E EXPECTATIVA

Iniciamos 2018 com retrospectiva negativa quanto à violência e a corrupção em nosso país. Os índices de assistência obrigatória por parte do Estado, relacionados à saúde, educação, empregos estavam cada vez mais baixos. O Congresso Nacional se dividia em defender corruptos das casas legislativas e o presidente acusado em várias áreas, e em espoliar o que ainda restava das divisas do Estado em benefícios próprios eleitoreiros.

A retrospectiva em relação aos índices econômicos agrada ao mercado e ao capital, mas percebe-se (sem explicação convincente) que aumenta a exclusão social, a barreira entre pobres e ricos e a perda do poder aquisitivo alcançado até 2015. As reformas: Trabalhista (já aprovada) e da Previdência (que será forçosamente aprovada) mostram que quem verdadeiramente manda no País é o Mercado. As conquistas estão sendo escanteadas, sem se cogitar em diminuir aos salários astronômicos de parcelas do Executivo, Legislativo e Judiciário.

A violência, estampada diariamente na mídia, parece sem controle por parte do Estado, que deveria se impor perante o crime organizado e as milícias. O caos penitenciário mostra o descontrole. Os casos diários de balas perdidas ceifando vidas, os latrocínios, os assassinatos de policiais trazem desespero à população ordeira. Só nos resta rezar.

Há perspectiva de melhora? Sim, a Operação “Lava-jato” e suas derivações trazem essa perspectiva, já que muitos já foram e serão punidos por seus crimes contra a população. O ano de 2019 traz a expectativa de que, finalmente, o brasileiro tenha aprendido a votar, escolhendo candidatos que verdadeiramente defendam o povo e o país e não visem lucros ilegais através dos mandatos. Se os políticos no exercício do mandato (com exceções, é claro) causaram desmandos, tivemos nossa parcela de culpa por não renovar o Congresso, não escolher melhor os de mandatos executivos, de se acomodar perante os atos revoltantes de alguns ministros do Supremo Tribunal Federal e instâncias inferiores. Nossa expectativa é de Justiça e Paz.

Embora a campanha eleitoral de 2018 tenha sido de acirramento, ameaças, violências, palavras soltas e sem nexos, acusações e raros planos de governo, esperamos que na prática tenhamos um governo voltado para o povo. A ameaça de um Estado Teocrático Neopentecostal, de acirramento na luta do campo pelo abuso de

poder da bancada ruralista, com apoio dos poderosos, das ameaças da bancada da bala (o risco iminente de aumento de conflitos com a liberação das armas de fogo, previstas pelo novo governo), o que esperamos é que, de fato, tenhamos segurança, saúde, educação e respeito às leis, ao meio ambiente. A criminalização dos Movimentos Sociais, já em voga no governo atual e prometida pelo governo eleito fere a Constituição e afeta de vez a necessária Reforma agrária e o projeto de moradias para todos. O aumento da população em estado de miséria causa preocupação e ainda não consta de nenhum plano de governo federal ou estadual. Aguardemos, confiando em Deus.

No campo religioso, duas retrospectivas, perspectivas e expectativas foram criadas e alimentam o nosso desejo de melhora no campo sócio-político e religioso. Primeiro, as ações em defesa da ética por parte da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), sempre atuais e corajosas, mostrando a missão evangélica e apostólica da Igreja Católica. Segundo, o grande número de diáconos permanentes ordenados em 2017, ultrapassando o número total do diaconado, antes calculado em 5000. A retrospectiva positiva é que os bispos e párocos estão finalmente abertos à vocação diaconal permanente, especialmente nas regiões Norte e Nordeste. A perspectiva é a de que esses novos diáconos tragam novo vigor à nova Evangelização proposta pela Igreja, inserindo-se corajosamente na área social, sem medo de debater e relacionar-se com a política, e contribuindo para o discernimento do povo. E a expectativa é de que possam se comprometer com a conscientização do povo. Não para indicar candidatos, mas para ajudar o povo na escolha com discernimento na hora do voto. Que esteja nos novos aerópagos, na periferia onde reina a pobreza, a falta de saneamento básico, a falta de assistência à saúde, a falta de escolas, a falta de teto e alimento.

Rezemos pedindo a intercessão de São Lourenço, para que tenhamos neste ano uma ação muito mais edificante dos diáconos, na prática da Caridade, levando a Palavra e celebrando a Liturgia com o povo. Peçamos a intercessão de Nossa Senhora Aparecida, padroeira do Brasil, para que nossas ações contribuam para que reine o amor, a paz e a justiça no meio do nosso povo. Que não tenhamos a preocupação de competição no Clero, mas, como Maria, tenhamos a visão do Serviço. Amém

13) FAMÍLIA E EDUCAÇÃO

"No seio de uma família, a pessoa descobre os motivos e o caminho para pertencer à família de Deus. Dela recebemos a vida que é a primeira experiência do amor e da fé. O grande tesouro da educação dos filhos na fé consiste na experiência de uma vida familiar que recebe a fé, a conserva, a celebra, a transmite e dá testemunho dela. Os pais devem tomar nova consciência de sua alegre e irrenunciável responsabilidade na formação integral dos filhos." Documento de Aparecida, 118.

Acho que passou despercebida pela imprensa que cobriu a celeuma "Neymar X Dorival Júnior", o primeiro então jovem jogador do Santos Futebol Clube, e o segundo então treinado, uma frase do ex-treinador do Santos após a demissão, quando fala sobre EDUCAÇÃO E FAMÍLIA. Embora não criticando a família por causa da falta de educação do jogador – o também treinador (hoje falecido) Renê Simões disse que nunca viu alguém tão mal educado como Neymar - Dorival Júnior traz à tona a questão da família como primeira e principal educadora e formadora do caráter da pessoa.

O pai que desculpa as várias más atitudes do filho, o empresário e o clube que vê nele um investimento, ou modo de ganhar muito dinheiro, a família deslumbrada com o fato de ganhar rios de dinheiro através do filho, não é nenhum fato novo. Já vimos e ouvimos muito sobre "mãe de miss", "mãe de modelo", pais de artistas (atores e cantores juvenis), e voltamos à velha discussão: pais que querem se refletir nos filhos ou querem que os filhos sejam (ou pareçam ser) o que não puderam ser ou ter.

A situação do adolescente ou jovem que se emancipam ou alcançam status antes da hora é preocupante. Amadurecem muito cedo ou nunca amadurecem porque são "paparicados", "protegidos", suas más atitudes são logo desculpadas porque são precoces etc. E quando surge alguém para questionar logo surgem as acusações: "você é saudosista", "hoje é tudo permitido porque alcançamos a liberdade que vocês não tiveram".

A Rádio Jovem Pan divulga várias vezes ao dia a frase: "A Família é o Berço de Tudo". Será que isso é saudosismo: É utopia? A educação na família, em especial a educação na fé é coisa superada, se tornou supérflua? São as crianças, os adolescentes e os jovens que não nos ouvem mais, ou somos nós, os adultos, os pais que não temos

mais tempo para nossos filhos? Filhos são investimentos futuros como numa bolsa de valores econômica?

Também na Igreja enfrentamos esse problema. Um catequista da Crisma que dá testemunho de namoro cristão, de virgindade até o casamento é alvo de gozações (aconteceu comigo). Temos dificuldade de passar valores, até por causa do distanciamento ou dos problemas familiares (separações, divórcios, crises conjugais). Muitos pais querem que a Igreja resolva a rebeldia, o mau comportamento dos filhos. Esquecem que "a Família é o Berço de Tudo".

Ainda há esperança. Precisamos saber tirar dos momentos de crise aprendizados para a vida. "Deus ama nossas famílias, apesar de tantas feridas e divisões. A presença invocada de Cristo através da oração em família nos ajuda a superar os problemas, a curar as feridas e abre caminhos de esperança. Muitos vazios de lar podem ser atenuados através de serviços prestados pela comunidade eclesial, família de famílias". Documento de Aparecida 119.

14) NÃO PÕE A MÃE/IGREJA NO MEIO!!!

No meu tempo de criança, nas "peladas" no campinho de terra, era comum que certas decisões (sem árbitro, claro) provocarem discussões e até confrontos físicos. Mas (sempre tinha um moderador) surgia alguém que dizia no auge do xingamento: "Não põe a mãe no meio". A criançada respeitava (os marmanjos, não), pois mãe era (é) figura sagrada para todos, inclusive para os órfãos ou abandonados. E a discussão acalmava, a paz voltava e o jogo recomeçava "numa boa".

É o que dá vontade de gritar para os oponentes na disputa política, seus partidos e aliados, seus marqueteiros e a grande mídia: "Não põe a Mãe/Igreja no meio". A disputa caminha para ver quem é mais cristão, não para ver quem tem mais capacidade de dirigir a nação. A Igreja é criticada porque dá opinião; é criticada quando não a dá. Ora, a Igreja é formadora de opinião, mas tem a missão de conscientizar, não de dar palpites ou "forçar" alguém a votar neste ou naquela.

A Igreja é acusada pelos seguidores de um; os seguidores partidários veem o "dedo" da oposição nessa cruzada demonizante. O outro lado aproveita da situação criada. A Igreja no Brasil sempre deu sua palavra oficial com Declarações sobre o

momento político nacional. Os Regionais da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) costumam divulgar notas com orientações para "Votar bem".

Portanto, sempre há a PALAVRA OFICIAL DA IGREJA NO BRASIL. As declarações de bispos, presbíteros, leigos em programas de emissoras de televisão, mesmo católicas, não refletem a OPINIÃO DA IGREJA. Portanto, NÃO PÕE A MÃE/IGREJA NO MEIO! Tenho o direito de considerar errada a posição tomada por alguns bispos, presbíteros, diáconos, líderes leigos, principalmente na proliferação de mensagens via redes sociais, mas, parafraseando Voltaire: defenderei o direito deles dizerem o que pensam. O que deve ficar claro, de uma vez por todas, é a de que NÃO É A PALAVRA OFICIAL DA IGREJA. Cito frase de Dom Jacyr, Bispo de Santos, em uma reunião do Fórum das Pastorais Sociais: "o eleitor é juiz de seu voto". A Igreja tem o dever de conscientizar, não de indicar partido ou candidato. O eleitor é que deve tomar sua posição.

Quem critica a posição da maioria das Igrejas Cristãs e do Espiritismo kardecista na luta contra a discriminação do aborto, deveria ter como lição de casa, diariamente, o artigo do Dr. Ives Gandra Martins (jornal "Folha de S. Paulo, pág. A3 - 19/10/2010), com considerações no aspecto jurídico/constitucional, e não de debate religioso. Tem gente que não gosta de ouvir ou ler opiniões diferentes das suas. Nesse caso, repito: NÃO PÕE A MÃE IGREJA NO MEIO!!!

15) A EXPERIÊNCIA DE SER VOZ E DAR A VEZ

“O Grito dos Excluídos é uma manifestação popular carregada de simbolismo, é um espaço de animação e profecia, sempre aberto e plural de pessoas, grupos, entidades, igrejas e movimentos sociais comprometidos com as causas dos excluídos.”
“O Grito dos Excluídos, como indica a própria expressão, constitui-se numa mobilização com três sentidos: denunciar o modelo político e econômico que, ao mesmo tempo, concentra riqueza e renda e condena milhões de pessoas à exclusão social; tornar público, nas ruas e praças, o rosto desfigurado dos grupos excluídos, vítimas do desemprego, da miséria e da fome; propor caminhos alternativos ao modelo econômico neoliberal, de forma a desenvolver uma política de inclusão social, com a participação ampla de todos os cidadãos”.

Infelizmente, para muitos, o “Grito dos Excluídos” é visto somente como ação dos grupos de Fé e Política, desvinculados da causa da Igreja em defesa dos excluídos. Os que pensam assim ainda não souberam compreender a exata dimensão do movimento: chamar a atenção dos que detém o poder para minorar o sofrimento das vítimas do sistema vigente e dar vez e voz aos sofredores.

Outro dos objetivos é denunciar a corrupção em todas as camadas da sociedade, que leva para o bolso “ou contas no exterior” de alguns o que seria necessário para melhorar a atendimento à saúde, à educação em todos os níveis, à segurança, no combate às drogas, à melhoria das estradas, do saneamento básico, com água e luz para todos à preços baixos. Fazer também que não nos acomodemos com a situação vigente, mas lutemos juntos, Igrejas e Movimentos Sociais, em prol dos menos favorecidos. Não tem a intenção de dar ou cobrar assistencialismo, mas de estar ao lado dos pobres, lutando por promoção social.

Nós, os diáconos, pelo nosso carisma e ministério temos muito a contribuir como profetas dos novos tempos: anunciando a Palavra de Deus e denunciando os desmandos e políticas públicas que não promovem a dignidade do ser humano, sendo voz e dando voz e vez. Tenhamos em mente as palavras de São Paulo: “não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso espírito, para que possais discernir qual é a vontade de Deus, o que é bom, o que lhe agrada e o que é perfeito” (Rom 12, 2).

16) VEM PARA O MEIO!

“Caminhando e cantando/ E seguindo a canção. Somos todos iguais/ Braços dados ou não. Nas escolas, nas ruas/ Campos, construções. Caminhando e cantando/ E seguindo a canção.”

Quando estávamos refletindo em 2011/2012 a 5ª Semana Social Brasileira, com o tema “Participação da sociedade no processo de democratização do Estado brasileiro” e o lema “Estado para que e para quem?”, vivíamos uma empolgação inicial, porque a mesma foi aprovada por unanimidade pelos bispos do Brasil reunidos em Aparecida para a 49ª Assembleia Geral dos Bispos do Brasil, em abril de 2011.

Infelizmente, a empolgação passou muito rápida, virando preocupação. Parece que, devido a “enxurrada” de novos documentos e programas da Igreja, houve certo

esfriamento, inclusive por parte das Pastorais e Organismos Sociais. “É uma pena que isso ocorra, principalmente por estarmos em ano eleitoral e os cristãos precisam com urgência tomar posições”, dizíamos nós em reuniões do Fórum das Pastorais Sociais da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) Regional Sul 1.

Na introdução do Instrumental Metodológico para a 5ª Semana Social Brasileira (página 5) se lia: “Seu objetivo é contribuir para que este evento, marcante na vida da Igreja no Brasil, continue sendo um espaço participativo de discussão sobre os rumos do nosso país. A 5ª Semana tem como proposta a reflexão sobre o papel do Estado na vida dos brasileiros em uma perspectiva crítica e propositiva, pois participar implica em ter consciência das dificuldades e erros, mas também na ousadia de propor outros caminhos”.

Enquanto não entendermos que “somos todos iguais, braços dados ou não”, continuaremos impedindo que os excluídos “venham para o meio”. Enquanto não entendermos que é preciso reivindicar direitos iguais para todos, que não é preciso “pegar em armas” para isso, mas fazer valer os direitos constitucionais, estaremos diante do grande dilema: por quê há “direitos” demais para uns poucos privilegiados, e direitos de menos para muitos?

“Noutra vez, entrou Ele na sinagoga, e achava-se ali um homem que tinha a mão seca. Ora, estavam-no observando se o curaria no dia do sábado, para o acusarem. E diz ao homem da mão seca: Vem para o meio” (Mc 3, 1-3). Para fazer o bem, Jesus desafia a lei imposta pelos fariseus. Para cumprir seu projeto de amor provoca a inclusão. Porque ainda temos medo de praticar o bem em plenitude? Por causa das críticas dos “bem” ou “mal” intencionados? Porque a inclusão social deve ser feita pelo Estado? E se este não o faz? Não é missão evangélica da Igreja e dos cristãos por causa e pelo testemunho de Jesus?

O tema do “Grito dos Excluídos” de 2012, que a Igreja celebrou no dia 7 de setembro em todo o país teve como tema: “Queremos um Estado a serviço da Nação, que garanta direitos a toda população”! O mínimo que se espera de nós, os cristãos é a participação consciente, a manifestação de um autêntico cristão, interessado em viver o Evangelho em plenitude. Há quem se manifeste ao contrário: “não adianta gritar, ninguém nos ouve”. Discordo completamente: o resultado da luta de uns poucos interessados em viver a Doutrina Social da Igreja está aí para todos: - Assembleia

Popular (fruto da 4ª Semana Social); Lei 9840, contra a compra de votos; Lei da Ficha limpa, contra a corrupção e outros crimes; em defesa da Vale; contra a ALCA etc.

Você não está disposto a seguir esta luta e dizer aos excluídos “Vem para o meio”? “Vem, vamos embora que esperar não é saber, quem sabe faz a hora, não espera acontecer. Pelos campos há fome em grandes plantações, pelas ruas marchando indecisos cordões. Ainda fazem da flor seu mais forte refrão, e acreditam nas flores...”.

17) A FÉ E A EDUCAÇÃO

Certa vez, presidindo uma celebração numa comunidade da paróquia São Benedito de Salto, refletindo a missão de João Batista, perguntei à pequena assembleia se havia dificuldades na evangelização e quais seriam essas dificuldades. O propósito foi o de provocar a partilha.

O primeiro a se manifestar falou da dificuldade em anunciar os bens morais e religiosos, porque não querem ouvir: desconversam, chegam a serem agressivos porque se sentem incomodados. Chegou à conclusão de que é melhor salvaguardar os seus direitos e deixar as coisas acontecerem. Lembrei-me de que, num debate numa rede social, uma senhora escrevia sobre a dificuldade das pessoas ouvirem conselhos, mesmo que na família. Dizia que alertava pessoas sobre o despejo de lixo em vias públicas, a despreocupação em separar o lixo reciclável, o vandalismo de com relação aos recipientes de lixo orgânico, mas que recebia de volta ofensas ou simplesmente ignorância.

Procurei saber como andava a relação familiar no tocante à religiosidade, à moral e bons costumes, o respeito às pessoas idosas. Quase todos foram unânimes em afirmar que está cada vez mais difícil dialogar nos lares. Ninguém tem tempo de ouvir (ou de falar). “Somos passageiros em nossos lares”, resumia um. “Só nos reunimos para festas, com o perigo dos exageros na bebida, e mesmo as festas estão rareando por falta de diálogo entre as pessoas da mesma família”, dizia outro.

Já se disse muitas vezes que o problema é educacional, mas como educar se os pais não tem tempo? Deixam essa função primordial para os professores, que mal conseguem ensinar e têm dificuldades em manter a disciplina. Na questão religiosa é o mesmo drama: a chamada Catequese Familiar, que propõe a participação dos pais na formação religiosa dos filhos, conta com pequena participação de pais, como se as

mães fossem as únicas responsáveis pela educação moral e religiosa dos filhos. Há casos em que os dois não acham tempo (ou não querem), e passam a função de acompanhamento catequético aos avós.

Até poucos anos atrás dizíamos que as casas tinham uma “babá eletrônica”, a televisão. Hoje, com o advento da Internet e a facilidade de se ter celulares, cada vez mais avançados tecnologicamente, mudam-se as “babás”, ficam cada vez maiores os problemas da falta de diálogo no lar. Quando digo que até hoje meus filhos jovens pedem a bênção, informam aonde vão e onde estão, dizem que é utopia, que é “coisa forçada” e tal. Digo que, felizmente, estamos, como pais, transmitindo boa parte do que aprendemos com nossos pais, em termos de respeito, educação, religiosidade.

Acreditamos em dias melhores, ainda que nos chamem de saudosistas e retrógrados.

18) A VIOLÊNCIA CONTRA A PESSOA IDOSA

“Dá ouvidos a teu pai, àquele que te gerou, e não desprezes tua mãe quando envelhecer. Adquire a verdade e não a vendas, adquire sabedoria, instruções e inteligência. O pai do justo exultará de alegria, aquele que gerou um sábio alegrar-se-á nele. Que teu pai se alegre por tua causa, que viva na alegria aquela que te deu a luz”. (Provérbios 23, 22-25)

Sempre foi motivo de alegre expectativa a visita à casa dos avós para ouvir suas histórias (ou estórias), saborear as deliciosas comidas, os deliciosos licores. Era raro ouvir falar ou presenciar um ato de violência, com exceção das “rusgas” de sogra e nora. A sociedade mudou, dizemos nós. Hoje nos falta tempo para visitas, estamos movidos pelo cotidiano do trabalho, do consumismo, do individualismo. Isso tem afetado nossas relações sociais e familiares, com prejuízo que parece cada vez mais irreparável.

Lembro um ditado popular: “uma mãe cuida de 10 filhos; dez filhos abandonam a mãe”. Um amigo, que cuidou do pai até o falecimento deste, e cuida da mãe doente, acha inconcebível alguém praticar violência contra uma pessoa tão fragilizada. Infelizmente, isso tem acontecido de maneira geral: violência moral, sexual e psicológica, violência financeira, física, sob a forma de exclusão sócio-afetiva. As

Instituições de Longa Permanência de Idosos estão cada vez mais superlotadas de idosos abandonados por seus familiares. Os idosos estão sendo “arrancados” dos seus convívios, e colocados em instituições distantes de seus locais de origem, o que provoca a falta de visitas, o rompimento do vínculo familiar (art. 49, I, do Estatuto do Idoso).

Os Conselhos Municipais da Pessoa Idosa recebem rotineiramente denúncias de várias formas de violência: o aproveitador (geralmente da família) que usa os documentos e assinatura da pessoa idosa para fazer financiamentos de bens e empréstimos consignados; o neto usuário de drogas, que comete violência física para subtrair dinheiro; idosos doentes abandonados em cômodos sem higiene, alimentação e remédios. Ou, simplesmente abandonados nos chamados “lar” ou “asilo”, alguns sem estrutura, como que “depósito” de idosos. A fiscalização compete aos órgãos públicos, mas, principalmente ao Conselho Municipal do Idoso.

15 de junho é o Dia Mundial de Conscientização da Violência contra a Pessoa Idosa. Momento de agir, romper o silêncio, divulgar os direitos (e deveres), não perder a utopia de que é possível mudar esse estado de coisas, de refletir seriamente como está nosso relacionamento familiar, a educação no trânsito, nos atendimentos hospitalares, bancários, órgãos públicos, resgatar com as crianças, adolescentes e jovens o respeito necessário. A população está envelhecendo, a perspectiva de vida aumentando e os casais gerando menos filhos.

Muita gente se esquece de que vai envelhecer. Não é para ficar ensimesmado com isso, mas se preparar dignamente para o envelhecimento, respeitando já os idosos.

19) O ESTADO E A PARÓQUIA QUE QUEREMOS

A 5ª Semana Social Brasileira teve como tema “O Estado que temos e o Estado que queremos”. Foi lançada em agosto de 2011, após aprovação unânime dos bispos na 49ª Assembleia Geral dos Bispos do Brasil, realizada em Aparecida, SP. Desde então foram realizados encontros de formação e debates, através das pastorais e movimentos sociais em todo o Brasil.

No Regional Sul 1 da CNBB foram realizados 3 seminários da 5ª SSB: em março de 2012, em Embú das Artes, SP, novembro de 2012, em Jundiaí, e em junho de 2013, novamente em Jundiaí. O primeiro teve como objetivo apresentar o texto-

base e o instrumento metodológico da 5ª SSB. Os dois últimos, para refletir os eventos relacionados ao tema e colher os subsídios que serão encaminhados à equipe nacional que prepara a 5ª Semana Social Brasileira, que será realizada nos dias 2 a 5 de setembro de 2013, em Brasília, DF.

No seminário de junho, além da qualidade do debate e das sugestões oferecidas para “O Estado que queremos”, surgiu também o debate sobre “A Paróquia que temos e a Paróquia que queremos”, com base no documento de estudos nº 104 da CNBB: “Comunidade de Comunidades: Uma nova Paróquia”. No plenário surgiu a seguinte observação: o Estado que queremos passa por uma mudança estrutural de paróquia, onde “a sociedade do Bem Viver” deve ser buscada, pois é projeto de Cristo, deve ser comunidade do Reino, onde “todos os fiéis viviam unidos e tinham tudo em comum” (At 2, 44), e “a multidão dos fiéis era um só coração e uma só alma” (At 4, 32), “nem havia entre eles nenhum necessitado. Repartia-se então a cada um deles conforme a sua necessidade” (At 4, 34.35).

Se a Paróquia é a expressão de Jesus, nela deve se aplicar em plenitude a cidadania, onde ninguém leva vantagem e, através do testemunho, provoca o Estado para que cumpra sua obrigação de zelar pelos seus cidadãos. A Igreja não quer tomar o lugar do Estado, mas, fazendo sua parte conforme Jesus, e valorizando as pastorais e movimentos sociais, terá como exigir do Estado, pois “Queremos um Estado a serviço da Nação, que garanta os direitos a toda população” (tema do Grito dos Excluídos de 2012).

“A vulnerabilidade social clama para que todas as comunidades paroquiais aproximem-se de toda situação onde a vida estiver ameaçada. Só a proximidade que nos faz amigos nos permite apreciar profundamente os valores dos pobres de hoje, seus legítimos desejos e seu modo próprio de viver a fé. A aproximação com os pobres e sofredores educa a comunidade cristã. Tal atitude muda as pessoas mais do que os discursos; faz entender a fragilidade da vida e orienta o cristão a trabalhar por uma sociedade mais justa e solidária, na perspectiva da promoção integral da pessoa, em vista do Reino”. (Estudos da CNBB, 104, nº 152 – Edições CNBB)

Na perspectiva de termos a paróquia que queremos, podemos exigir então o Estado que queremos. Toda mudança exige sacrifícios, mas é necessária. Não somente

exijamos essas mudanças, mas fazemos a nossa parte como cristãos autênticos e como cidadãos que respeitam a Lei e exige os seus direitos.

20) TODA MULHER TEM O DIREITO DE VIVER EM PAZ

“Elevo os olhos para os montes e pergunto: de onde virá o meu socorro? O meu socorro vem de Deus, que fez o céu e a terra”. (Salmo 121, 1-2)

O tema da Campanha da Fraternidade de 2014, “Fraternidade e Tráfico Humano”, trouxe à tona uma reflexão que, infelizmente, só acontece em situações pontuais: a violência contra a mulher. A sociedade faz de conta que se interessa, o Estado e a Justiça promovem ações pontuais, as Igrejas não promovem a necessária reflexão e a mulher continua a ser vítima de violência doméstica, no trabalho e tráfico sexual.

A Pastoral da Mulher Marginalizada, pastoral social de âmbito nacional e ligada à CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), presença solidária, profética e evangélica junto à mulher em situação de risco, de prostituição e/ou violência, tem atuado em três eixos de ação: 1) prostituição – ações de acompanhamento às mulheres em situação de prostituição; 2) tráfico – enfrentamento e prevenção ao tráfico de mulheres, crianças e adolescentes para fins de prostituição, abuso e exploração sexual; 3) enfrentamento ao abuso e a exploração sexual e/ou comercial de crianças e adolescentes.

O Brasil deu um grande avanço no enfrentamento à violência contra a mulher com a Lei “Maria da Penha”, mas que não é totalmente conhecida ou é ignorada por grande parte da população. As Pastorais da Mulher Marginalizada e Operária divulgam sempre dados da violência nos subsídios para o Dia Internacional da Mulher. Números do Anuário das Mulheres Brasileiras 2011 mostravam que 4 entre 10 mulheres brasileiras sofreram violência doméstica. A Central de Atendimento à Mulher (Ligue 180) mostram que foram feitas 43.423 denúncias em 2006, pulando para 734.000 em 2010. A ONU (Organização das Nações Unidas) divulgou em maio de 2013 que mais de um terço das mulheres do mundo é vítima de violência física ou sexual. Então, imaginemos o crescimento desses dados nos últimos 5 anos, potencialmente duplicaram.

Uma das líderes da PMM nacional dizia da dificuldade em resgatar mulheres vítimas do tráfico sexual em outros países: “Quando ocorre o resgate através da Interpol, por exemplo, ao chegar ao Brasil a mulher continua sendo vítima, mas o Estado não oferece abrigo ou proteção, e a PMM tem conseguido com o apoio da Cáritas, como ocorreu recentemente no Rio de Janeiro (o Estado e o município alegaram não ter um local de proteção para abrigar), além do problema de discriminação que a mulher sofre por parte da sociedade.

Outro detalhe é que há Pastoral da Mulher Marginalizada em muitas dioceses, mas que não articulam para um trabalho conjunto, de troca de experiências à nível estadual ou nacional, fenômeno de muitas pastorais que ainda não entenderam o significado da Pastoral de Conjunto, ansiosamente esperada pela Igreja.

Que essa Campanha da Fraternidade e as que se seguiram até 2018, nos ajude a não perder a esperança de um mundo melhor, pois toda pessoa humana, em especial neste caso, refletindo a mulher, tem direito a viver na Paz. Que tenhamos coragem de defender a causa dos marginalizados e excluídos, pois Deus nos recompensará. Que a Campanha da Fraternidade não termine no Domingo de Ramos, mas que a lute perdure enquanto houver tráfico de pessoas, violência contra a mulher, contra a criança, contra a pessoa idosa.

21) A QUEM INTERESSA ACUSAR?

“E eu te declaro: Tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela.” (MT 16, 18).

O recrudescimento de denúncias de pedofilia praticada por presbíteros nos leva a refletir seriamente: a quem interessa acusar? Parece que estão querendo remexer nas entranhas da Igreja (estão buscando fatos acontecidos há décadas e anunciado como se fossem atuais), como se nela houvesse podridão e coisas escondidas há séculos.

Interessa aos inimigos de sempre da Igreja, que não acreditam na promessa de Cristo: “... não prevalecerão contra ela”. Interessa aos não cristãos, porque podem afirmar, entre outras coisas, a vantagem da separação Igreja/Estado, como se isso importasse, como poder terreno, à Igreja.

Interessa aos cristãos da “teologia da prosperidade”, porque esperam que a diminuição do poder da Igreja Católica aumente, em contrapartida o poder dessas seitas, como se importasse à Igreja o poder sobre todos os crentes. A Igreja acredita no poder de Jesus, que assim dá sustentação à Sua Igreja pela ação do Espírito Santo.

Interessa aos causadores de escândalos políticos, corrupção, violência, desvios de verbas públicas, porque alguém ou algo ocupa seu lugar no noticiário.

Interessa aos rábulas ávidos por dinheiro, que se preocupam em obter altas somas indenizatórias, insuflando vítimas ou até pseudo-vítimas, aproveitadores.

Interessa à grande mídia, porque tomam partido e passam de agentes da informação a agentes do escândalo, como se isso salvasse a humanidade de todos os males. Interessa audiência, vender jornais, ter mais acesso na rede.

Interessa a alguns que deixaram o ministério sacerdotal e passaram a ser críticos contumazes do celibato, como se o celibato fosse a causa de todos os males, em especial da pedofilia. Será que os pedófilos, como casados, respeitariam as crianças?

Mas interessa, sobretudo, à própria Igreja, que pode assim tirar proveito desse sofrimento, dessa chaga profundo em seu seio, depurando seu quadro de servidores. Interessa à Igreja para melhorar a formação nos seminários, com metodologia científica, psicológica e sócio-afetiva mais aprimorada.

Interessa à Igreja para poder conviver melhor com a sociedade de nossos tempos, agindo com rigor nos desvios provados, perdoando como Cristo manda, mas obedecendo às leis vigentes nas questões cíveis e penais, não se omitindo.

Interessa à Igreja não esconder seus pecados e pecadores, mas agindo para converter os causadores de escândalos, e manter sua integridade e grau de confiabilidade na sociedade.

Interessa à Igreja para proteger, ficar em torno do Sumo Pontífice Francisco, humilhado, execrado, juntamente com seus Bispos, por desmandos de alguns do Clero. Nós acreditamos na promessa: “... as portas do inferno não prevalecerão contra ela”.

As coisas recrudescem como provação aos próprios presbíteros e bispos, além de diáconos e leigos. É momento de orarmos com fé, com poder, estar junto dos sacerdotes, ampará-los, ajudá-los, ser família. O perigo da generalização é outra coisa que assombra. Você com certeza já ouviu alguém dizer: “nenhum político presta”. E

os bons políticos, que sofrem desgaste por causa dos maus políticos, não merecem nosso apoio? Você com certeza, confia em alguém.

Um brasileiro foi morto no metrô de Londres por ser confundido com um terrorista. Problema do tom da pele. Embora, como em outras religiões (inclusive cristã) há fanáticos em seus quadros, não se pode julgar um muçulmano de ser terrorista. Afinal, quem reza a Alá (Deus) seis vezes ao dia não pode pensar em praticar o mal.

Então, não se pode julgar os sacerdotes, muitos deles santos, pelos pecados de alguns. Em todos os setores há bons e maus, no Clero católico não é diferente, embora sejamos chamados por Deus a sermos “santos e irrepreensíveis diante de seus olhos” (cf. Ef 1, 4). A Igreja, por seu Fundador, Jesus Cristo, é Santa; por causa de nós, é Pecadora. Que o sacrifício de Jesus na Cruz não tenha sido em vão, somos chamados à conversão, à Salvação.

Que neste momento difícil, nós, os diáconos permanentes e nossas famílias, sejamos verdadeiras famílias em acolhimento, apoio e fraternidade aos nossos presbíteros. Não nos unamos aos “julgadores” e “murmuradores”, mas peçamos ao Espírito Santo sabedoria e discernimento para conduzir nosso relacionamento com nossos irmãos do Clero.